



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU  
INSTITUTO DE FILOSOFIA - IFILO  
PROGRAMA DE MESTRADO EM FILOSOFIA

ROSANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**A nova ciência de Giambattista Vico e os princípios  
norteadores do nascimento e desenvolvimento do mundo civil**

UBERLÂNDIA - MG

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU  
INSTITUTO DE FILOSOFIA - IFILO  
PROGRAMA DE MESTRADO EM FILOSOFIA

ROSANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de mestre em filosofia. Área de concentração: Filosofia. Linha de pesquisa: História, Sociedade e Cultura. Orientador: Sertório de Amorim e Silva Neto.

UBERLÂNDIA - MG  
2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas  
da UFU com dados informados pela própria autora.

O48 Oliveira, Rosana Rodrigues de, 1965-  
2020 A nova ciência de Giambattista Vico e os princípios norteadores  
do nascimento e desenvolvimento do mundo civil [recurso  
eletrônico] / Rosana Rodrigues de Oliveira. - 2020.

Orientador: Sertório de Amorim e Silva Neto.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Pós-graduação em Filosofia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.241>

Inclui bibliografia.

1. Filosofia. I. Silva Neto, Sertório de Amorim e ,1975-,  
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação  
em Filosofia. III. Título.

CDU: 1

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o  
AACR2: Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia  
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1U, Sala 1U117 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: 3239-4558 - www.posfil.ifilo.ufu.br - posfil@fafcs.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Filosofia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 002SEI/20, PPGFIL				
Data:	Dezoito de fevereiro de dois mil e vinte	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:40
Matrícula do Discente:	11812FIL011				
Nome do Discente:	Rosana Rodrigues de Oliveira				
Título do Trabalho:	A nova ciência de Giambattista Vico e a descoberta dos princípios norteadores do nascimento e do desenvolvimento do mundo civil				
Área de concentração:	FILOSOFIA				
Linha de pesquisa:	História, Cultura e Sociedade				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Ciência, linguagem e história em Giambattista Vico				

Reuniu-se na Sala 1U 106, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Filosofia, assim composta Professores Doutores: Vladimir Chaves dos Santos - UEM; Humberto de Oliveira Guido - UFU e Sertório de Amorim e Silva Neto - UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Sertório de Amorim e Silva Neto, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Sertorio de Amorim e Silva Neto, Professor(a) do Magistério Superior**, em 18/02/2020, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Humberto Aparecido de Oliveira Guido, Professor(a) do Magistério Superior**, em 18/02/2020, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vladimir Chaves dos Santos, Usuário Externo**, em 18/02/2020, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1874212** e o código CRC **C7E0263D**.

FOLHA DE APROVAÇÃO

ROSANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

Uberlândia, 18 de Fevereiro de 2020.

Banca Examinadora

Profº. Dr. Vladimir Chaves dos Santos  
Universidade Estadual de Maringá

Profº. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido  
Universidade Federal de Uberlândia

Profº. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto (Orientador)  
Universidade Federal de Uberlândia

*Aos meus pais, Maria e Antônio que são  
a razão da minha existência e exemplo  
de vida.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Antônio e Maria, que são a razão da minha existência e sempre me incentivaram a dar grandes passos ao longo do meu caminho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto pelo sincero acolhimento, disponibilidade, apoio e dedicação em todo o processo do meu mestrado. Pelo incentivo e confiança depositada em meu trabalho. Agradeço pelo carinho e atenção com que sempre me recebeu, orientando-me e acalmando os meus pensamentos o que muito contribuiu para o desenvolvimento desse trabalho.

Ao Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido pela bondade de alma, disponibilidade, paixão pela filosofia de Giambattista Vico. Pela paciência, por clarear meus pensamentos sobre Vico e contribuir para esse momento tão importante da minha vida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, na pessoa de seus professores, funcionários e colegas de curso, pela atenção e respeito.

Ao amigo Fernando Lopes pelo apoio, carinho e amizade e por ter me acompanhado ao longo desse processo.



## RESUMO

Esta dissertação analisa o pensamento de Giambattista Vico (1668-1744), os princípios universais do direito natural das nações e o modo como os costumes humanos e a história determinam o estabelecimento e desenvolvimento do mundo das nações, subdividindo no tempo em três idades: idade dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens. Nas idades Vico articula três princípios básicos em todas as nações, independente de se conhecerem ou relacionarem entre si: a religião, o matrimônio e o sepultamento dos mortos. Costumes que fazem parte do gênero humano como processo histórico. As temáticas dos cursos históricos e recorrências também são tópicos viquianos da obra *Ciência Nova*.

Segundo Vico somente se pode conhecer aquilo que se faz. O homem não conhece a essência da natureza, pelo fato de não ser o criador do universo. No entanto, o homem cria a história, e, assim pode conhecê-la. O filósofo percebeu a importância do homem histórico, afirmando que através do estudo da filologia e da filosofia se pode chegar ao conhecimento da vida dos povos mais antigos, das fábulas, dos poetas, até a formação do mundo civil. Destacando a máxima: *verum et factum convertuntur* (conheço porque faço, faço porque conheço).

A história da humanidade era efetivamente a história da razão, da fantasia, da sensibilidade, da imaginação que juntas e articuladas colocam o homem como o sujeito e o objeto da história, ou seja, o homem possui a capacidade de colher e interpretar os acontecimentos a partir de princípios universais que se repetem e assumem contornos próprios em cada ciclo de idade que compõe a história dos homens.

Assim, a *Ciência Nova* investiga as leis, os costumes, a linguagem, o desenvolvimento do pensamento, as constantes e as regularidades da natureza comum das nações. Com base nisso, a providência divina é a lógica dos eventos presentes na humanização e barbárie humana. A providência é a legisladora e deixa ao homem (o artesão) o fardo de entender o significado e os fins das suas próprias ações. É a responsável por guiar e ordenar os fatos históricos.

A providência se mostra nos acontecimentos históricos, de modo que para Vico o mundo histórico-civil não se formou espontaneamente, por acaso e sim

conduzido pelos homens e ordenado pela providência. A providência humaniza aquele homem ferino visto desde a idade dos deuses e que evoluiu ao longo do tempo. Ou seja, é a surpreendente superação humana dotada de uma mente divina que pensa e faz a história, que converte paixões ferinas em virtudes, o isolamento em condutas sociais.

**Palavras-chaves:** Idade dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens, costumes, linguagem, providência divina, *verum factum*, filologia, filosofia.

## ABSTRACT

This dissertation seeks to outline Giambattista Vico's thought (1668 – 1744) regarding the universal principles of the common nature of nations, the way human customs and history determine the establishment and development of the world of nations. In Vico's scheme of necessary evolution of every culture, three periods are well distinguished: age of gods, age of heroes and age of men. At the ages Vico articulates three basic principles in all nations, regardless of whether they know or relate to each other: religion, marriage and the burial of the dead. Customs that are part of the human race as a historical process. The themes of historical courses and recurrences are also Vichian New Science topics.

According to Vico one can only know what one does. Man does not know the essence of nature, because he is not the creator of the universe. However, man creates history, and so can know it. The philosopher realized the importance of the historical man, affirming that through the study of the philology and the philosophy one can reach the knowledge of the life of the oldest peoples, the fables, the poets, until the formation of the civil world. Highlighting the maxim *verum et factum convertuntur* (I know because I do, I do because I know).

The history of humanity was effectively the history of reason, fantasy, sensitivity, imagination that together and articulated place man as the subject and object of history, that is, man has the ability to gather and interpret events to from universal principles that repeat themselves and take their own contours in each age cycle that makes up the history of men. In it, men in making history suffer their deeds.

Thus the New Science investigates the laws, customs, language, thought development, constants, and regularities of the common nature of nations. Based on this, divine providence is the logic of the events present in humanization and human barbarism. Providence is the lawgiver and leaves man (the craftsman) the burden of understanding the meaning and ends of his own actions. It's responsible for guiding and ordering the historical facts.

Providence shows itself in historical events, so that for Vico the historical-civil world was not formed spontaneously, by chance, but rather led by men and ordained by providence. Providence humanizes that ferocious man seen since the age of the gods and who has evolved over time. That is, it is the astonishing human

overcoming endowed with a divine mind that thinks and makes history, that converts ferocious passions into virtues, isolation into social conduct.

**Keywords:** Age of gods, age of heroes, and age of men customs, language, divine providence, *verum factum*, language, philology.

## **Sumário**

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1 - As idades e seus processos.....	19
1.1. Idade dos deuses.....	21
1.2. A Idade dos Heróis.....	28
1.3. Idade dos Homens .....	32
1.4. Os princípios da humanidade das nações.....	35
CAPÍTULO 2 - A linguagem e a sabedoria poética no desenvolvimento histórico-social das nações .....	42
2.1. Idades dos deuses – os sentidos e a linguagem.....	44
2.2. Idade dos Heróis – a imaginação e a linguagem.....	46
2.3. Idade dos Homens – a razão e a linguagem .....	48
CAPÍTULO 3 - O feito humano .....	51
3.1. A Providência divina.....	57
CAPÍTULO 4 - Da barbárie a civilização, da civilização à barbárie.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	74

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como propósito investigar o pensamento de Giambattista Vico, filósofo e historiador italiano da cidade de Nápoles que nasceu em 1668 e morreu em 1744, durante o iluminismo. Sua formação ocorreu no final do século XVII e suas produções filosóficas datam da primeira metade do século XVIII. Em seu tempo, Vico foi relativamente desconhecido fora de Nápoles, mas, a partir do século XIX, suas ideias despertaram interesse e passaram a influenciar os filósofos e cientistas sociais do Ocidente. Em 1744 foi lançada a terceira edição de sua mais famosa obra, o livro *Scienza nuova* [Ciência Nova]. A obra tornou-se um clássico da teoria da história a partir do século XIX, referenciada por intelectuais do porte de Jules Michelet e Karl Marx. Giambattista Vico teve grande contribuição em várias áreas do conhecimento como História, Antropologia, Filosofia, Filologia etc.

A investigação filosófica do pensamento viquiano dessa pesquisa analisa o nascimento da sociedade civil, os princípios das nações e o modo como os costumes humanos e a história determinam o estabelecimento e desenvolvimento do mundo das nações, subdividido no tempo em Idade dos Deuses, Idade dos Heróis e Idade dos Homens.

A constituição dos princípios universais do direito natural e os costumes humanos têm como fundamento a relação do homem com a natureza, física e social. É dessa relação que ocorre o processo de aperfeiçoamento humano e de manutenção da sua existência. Por isso, o conceito de natureza deve ser compreendido tanto como os diversos acontecimentos que ocorrem em um determinado espaço exterior, físico, assim como o lugar, os espaços em que são percebidos e elaborados em figuras conceituais. (NUZZO, 2012, p. 81). Isto porque a interação do homem com a natureza é marcada pela busca de satisfação de suas necessidades e utilidades, de transformação e adaptação para sobreviver. Assim, torna-se perceptível que no curso da história o surgimento de utensílios e instrumentos criados e aprimorados de acordo com as exigências humanas ocasionaram mudança social e modificações nas formas de pensar, de se comunicar e interagir dos homens em comunidade.

Esse processo de transformação da natureza e de criação de bens simbólicos origina um patrimônio cultural que norteia o modo de vida e a convivência dos

homens em sociedade. Os homens, ao mesmo tempo em que transformam a natureza, conservam culturalmente os elementos desse processo. E esse processo de criação torna possível o desenvolvimento das capacidades naturais do homem, para que ele possa viver em sociedade. Integrado a um grupo, um povo, o homem cria a sociedade e uma complexa cultura, desenvolvendo usos e costumes, instituições, religiões, artefatos, leis, linguagem, etc., que se processam a partir de um acúmulo e da transmissão do conhecimento.

O processo de formação do patrimônio cultural envolve tanto seus aspectos materiais – transformação e criação de instrumentos e utensílios – quanto imateriais, criação de aspectos simbólicos, linguagem, conceitos, comunicação etc. Com isso, a cultura se converteu em uma estratégia de sobrevivência, permitindo gradativamente, ao longo da história, o surgimento de tecnologias mais refinadas, de uma ordem jurídica e de relações políticas também mais desenvolvidas. No mundo social, as características culturais, as estruturas sociais e institucionais vão constituindo o lugar das relações humanas que norteiam o comportamento humano.

No entanto, mesmo habitando este espaço das relações humanas, o homem criou o espaço simbólico, conceitual. Assim, ele utiliza-se de suas habilidades para atribuir significados às coisas que constituem o mundo que o cerca, os fenômenos da natureza, dando sentidos às suas ações e à sua própria existência. Essa construção simbólica permitiu ao homem desenvolver a sua inteligência, o seu pensamento, a sua razão. Mas, quando os homens começaram a raciocinar? A partir do momento em que o homem toma consciência de si mesmo, se perguntando: o que me define como ser humano. Os animais não põem para si mesmos a pergunta sobre o seu ser. Como ser racional, que sente, pensa, imagina, o homem transcende os limites impostos pelo espaço, como percorrer e vivenciar a sua vida, o seu corpo e criar novas realidades, novas coisas e recriar, modificando-se e aperfeiçoando-se. Por meio desse processo o homem se projeta e constrói a sua vida e seu modo de ser na história.

Como se pode perceber, a história da humanidade é o lugar onde o homem deixa os seus rastros. Ao utilizar o seu pensamento, sua razão e inteligência, o homem, na tentativa de projetar o seu futuro, ao mesmo tempo, resgata e avalia o seu passado para melhor compreender o presente e planejar o futuro.

E como não há um caminho preestabelecido para o ser humano trilhar, o único modo de fazer isso se dá pela utilização da sua capacidade racional. Por meio dela, o ser humano pode constantemente renovar a sua vida e modificar o seu modo de ser no mundo. Esse processo de aperfeiçoamento possibilita o ser humano a elevar a sua mente para além das suas condições existenciais. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o homem constrói a sua realidade, é capaz de inovar por meio do uso da inteligência e do pensamento criativo.

Como escreve Vico: “[...] O homem não é outra coisa, no próprio ser de homem, senão mente e ânimo; queremos dizer, intelecto e vontade [...]” (*Sn44*, §364). É da natureza do gênero humano conviver em sociedade (*Sn44*, §2) já que o homem nada mais é do que intelecto e vontade. Essas estruturas possibilitaram o homem desenvolver a sua sabedoria, ou seja, a arte de autoaperfeiçoamento. Por isso, podemos dizer, enfim, que a sociabilidade e a racionalidade são duas características inerentes ao ser humano e que estas características contribuem diretamente para o desenvolvimento histórico da humanidade, tendo em vista o seu contínuo aperfeiçoamento. Neste sentido, para se chegar à criação de uma sociedade tão complexa como a que hoje conhecemos, o homem percorreu gradativamente um caminho e desenvolveu habilidades e capacidades intelectuais para se relacionar e transformar o mundo e a si mesmo; em seu desenvolvimento, partindo da imaginação, pela intuição, inteligência até à razão. Eis o percurso trilhado pelo homem até o presente momento.

Para elucidar esse processo humano de criação da sociedade e da cultura, recorreremos ao discurso pronunciado por Vico aos jovens ingressantes na Régia Universidade de Nápoles, depois publicado sob o título: *De nostri temporis studiorum ratione* (*Sobre o método de estudos do nosso tempo*). Nele, Vico faz um elogio à engenhosidade humana que, ao longo do tempo, permitiu inúmeros progressos científicos e tecnológicos muito úteis e que superaram as conquistas alcançadas através dos métodos antigos. Vico observou que muitas das técnicas antigas desapareceram porque, com o tempo, mostraram-se inúteis, falsas, e outras foram aperfeiçoadas e tiveram seus nomes mudados e, ainda, que as grandes invenções do homem têm como consequência o aprimoramento da sociedade humana, o que, por outro lado, exige o cultivo da engenhosidade.



Vico (1708, p. 406) menciona como “os antigos usavam a geometria e a mecânica como instrumentos da física; mas não em todos os momentos, e que os homens modernos, da sua época os utilizam em todos os momentos” de sua vida. Além do que, elas foram e devem ser compreendidas como meios para a invenção de novas tecnologias e colaboram para o desenvolvimento humano e para o conhecimento. Vejamos como discursa o filósofo:

Bem, novos instrumentos da ciência são: algumas das próprias ciências, outras as artes, outras as obras de arte pura ou a natureza. De todas as ciências e artes, a nova crítica é um instrumento comum; de análise de geometria; da física essa mesma geométrica, e seu método, e talvez a nova mecânica; O instrumento da medicina é a química, a "espargirica"; da anatomia o microscópio; o telescópio da astronomia; e, finalmente, da geografia à bússola. (Vico 1708, p. 406).

Essas criações técnicas e de instrumentos expressam o processo de desenvolvimento humano, que se manifesta no curso natural das idades que constitui a história humana. Desse modo, segundo Vico, a história idealmente passaria por três períodos sucessivos, que eventualmente retornariam: dos deuses, dos heróis e dos homens. No primeiro, os homens eram ignorantes, insensatos e prevalecia a animalidade; nessa época os homens pouco ou nada usavam da reflexão, estavam mais ligados aos sentidos e prevalecia neles a fantasia, a imaginação. Depois, a época dos heróis. Como o próprio nome sugere, foi um período em que a força era a base da estruturação social, portanto, de uma humanidade dividida entre os fortes, que acreditam ser de origem divina, filhos dos deuses, e os fracos, submisso à vontade irresistível dos heróis, e nesse sentido, uma época propensa aos conflitos de classes. No último período, o dos homens, o que se destaca enfim é a razão e a reflexão, nessa época os homens atingem a consciência crítica e a sabedoria, e com elas dão vida a costumes e formas políticas amenas e humanas.

Para Vico, a história ideal dos homens percorre três estágios, e na lógica organizadora interna de cada estágio ou idade existem princípios, referenciais norteadores que organizam a sociedade e o comportamento dos homens em comunidade. Desse modo, o homem, o personagem principal da história, no transcorrer das idades manifestou também, segundo Vico, certas regras sociais ou costumes universais, que ele definiu como “princípios universais eternos” (*Sn44, § 332*). De acordo com os estudos de Vico, apesar de todas as diversidades culturais existentes entre os homens e variáveis no percurso da sua existência, o homem criou

três instituições: a religião, o casamento e o sepultamento dos mortos. Essas são características únicas da espécie humana. Vico (*Sn44,§342*) escreve com propriedade: “que a ordem do mundo civil é universal e eterna. As ideias iguais ou uniformes surgem entre as nações inteiramente separadas no espaço e no tempo sem qualquer contato recíproco. Essas ideias devem ter um fundo comum de verdade.”.

Dito isto, pode-se perceber que esse princípio criador e transformador que constitui o ser humano é uma manifestação da inclinação natural, que o orienta para uma busca constante de aperfeiçoamento e aprimoramento. Esse pensamento epistemológico de Vico o diferenciou dos demais pensadores do século XVII, como por exemplo, Descartes, que propõe um modelo de compreensão da realidade do mundo e do próprio homem pautado em princípios geométricos, matemáticos que eram utilizados pela física. Além disso, Vico afirmou que as verdades postuladas pelo método geométrico são “apenas verossímeis”. (SOUZA, 2007, p. 297).

Para Vico, o método cartesiano promove uma compreensão reducionista das ciências humanas, pois o ser humano não se define somente como ser natural. O movimento da história é o movimento do próprio ser do homem, e por isso ela é a construção do homem (SOUZA, 2007, p. 304). Neste sentido, o critério adotado por Vico encontra-se alicerçado no seguinte postulado: a ciência é um “*regnum hominis*”, ou seja, ela é o mundo humano da história e da cultura, é produto do homem, e, portanto, apenas conhecido por ele (SOUZA, 2007).

Para Souza (2007, p. 298), eis a grande descoberta de Vico: o homem não pode conhecer a natureza, por que foi Deus quem a criou. O homem só pode conhecer a história porque esta ele a faz. Partindo desse princípio de identidade entre o fazer e conhecer “*verum factum convertuntur*”, Vico, de acordo com Souza (2007, p.298), torna “o herdeiro legítimo desse passado” que “reelabora uma nova filosofia da cultura, no horizonte da filosofia moderna.”.

As ponderações apresentadas até o momento são apenas indicativas para a compreensão de todo o texto dissertativo. Assim com o intuito de alcançar o objetivo geral desta pesquisa, foram elaborados cinco objetivos específicos. São eles: a) descrever as características da história das nações na passagem das Idades dos Deuses, Idades dos Heróis e Idades dos Homens; b) analisar os princípios norteadores que constituem cada idade, bem como o processo de aperfeiçoamento

humano; c) evidenciar, no pensamento de Vico, o conceito de *Verum Factum*; d) descrever a passagem da barbárie à civilização e da civilização à barbárie.

E, para atingir esses objetivos, metodologicamente, em primeiro lugar, realizou-se um levantamento bibliográfico, com o intuito de compreender a situação atual das reflexões sobre o pensamento de Vico, especificamente, sobre a temática em questão, ou seja, os princípios norteadores da construção do mundo civil. Em seguida, foram selecionadas as referências bibliográficas essenciais que nortearam esta pesquisa. São elas: *Scienza nuova* (Ciência nova) (2005), de Giambattista Vico, e de comentadores e estudiosos desse autor. Desse modo, o procedimento metodológico é de análise da bibliografia do autor, e das interpretações acerca da temática proposta.

Em seguida, para melhor compreensão do pensamento filosófico em questão, este trabalho foi organizado em cinco capítulos, da seguinte forma: os quatro primeiros capítulos têm como propósito demonstrar o pensamento do filósofo Giambattista Vico (1668 - 1744) na obra *Ciência Nova* de 1744 sobre a perspectiva da História das nações. O primeiro capítulo intitulado: As idades e seus processos apresenta o mundo civil transcorrido em três idades: a idade dos deuses como um momento da história em que os homens são dominados pelos sentidos, pelas paixões, pelo corpo, pelos instintos e fantasia, a era da “infância do homem”. A Idade dos heróis, onde os homens acreditavam ter origem divina, serem filhos dos deuses, acreditavam serem filhos de Júpiter. Período de organização social, criação das leis jurídicas e outras instituições. E a idade da razão, da abstração do pensamento, o caminho da reflexão, da operação dos conceitos, da instrução, da educação, acompanhada de grandes avanços culturais e tecnológicos. Esse capítulo ainda descreve como nos distintos tempos históricos da humanidade, nos diferentes povos, fossem eles bárbaros ou civilizados, todos repetiram três costumes em todas as nações: religião, casamentos solenes e sepultamento. Esses hábitos universais possuem uma relação intrínseca e indissociável com o processo histórico-social do desenvolvimento do mundo civil.

O segundo capítulo apresenta a importância da língua e da linguagem como instrumentos do desenvolvimento histórico-social e que identificam a presença de características essencialmente humanas e possibilitam ao ser humano apropriar-se

das elaborações históricas e culturais da sociedade, humanizando o próprio homem e, ao mesmo tempo, transformando a sua própria constituição e conduta.

O terceiro capítulo aborda o tema do *factum* humano. O empreendimento viquiano é, antes de qualquer coisa, de natureza investigativa realizada por meio da filologia e da filosofia. O capítulo ainda tem a intenção de esclarecer pelo ponto de vista da história aquilo que o napolitano denominou “*verum et factum convertuntur*”, isto é, a conversão ou reciprocidade do verdadeiro com o feito humano. Descrever também o *corsi* e o *ricorsi*, ou seja, como no decurso das três idades os valores humanos conquistados no desenvolvimento histórico podem sofrer decadência e regredir à condição primária da humanidade levando os homens a reiniciar o curso da história (*ricorsi*). Por fim, como a construção do mundo civil levou os homens a iniciar o processo civilizatório e os motivos pelos quais, muito tempo depois, ainda une os diferentes homens a perpetuar este processo.

Ainda nessa segunda divisão retrataremos a questão da divina providência como o entendimento que organiza o pensamento e as ações dos homens. Segundo Vico, Deus criou o mundo natural e somente ele poderia conhecer esse mundo. O homem criou a sociedade e, por isso, poderia entendê-la mais exatamente do que as ciências naturais. Veremos que a providência fornece tanto a força vinculativa da fé quanto os elementos naturais necessários a partir dos quais o homem pode construir sua sociedade. Vico estava reconciliando a razão com Deus.

O quarto capítulo aborda a barbárie e a razão humana. Apresenta quatro categorias de barbáries denominadas por Vico: dos intelectos, dos sentidos, retornada e a da reflexão. Faz algumas reflexões sobre a civilidade e a violência humana e procura encontrar caminhos para atenuar a barbárie da reflexão. Vico sustentou que o homem não está continuamente avançando, que, em certos momentos do seu desenvolvimento, a razão entra em colapso e faz com que o homem retorne a um estado bárbaro.

Já nas considerações finais há uma retrospectiva do desenvolvimento da história humana dos primórdios dos tempos até a idade dos homens.

## **CAPÍTULO 1 - As idades e seus processos**

O objetivo desse capítulo é descrever e analisar a história universal da humanidade, narrada por Giambattista Vico. Nesta obra, o napolitano se distinguiu de alguns outros filósofos da modernidade, como por exemplo, Copérnico, Newton, Descartes e Galileu. Esses autores fundamentaram os estudos em um novo paradigma científico, pautado em novas referências, ou seja, na lógica e linguagem matemática. (CASSIRER, 1997, p. 25-26).

Esse paradigma desmoronou os fundamentos da cosmologia antiga, e promoveu, ao mesmo tempo, uma reavaliação da autoridade da religião. Com isso, a revolução científica criou uma ruptura profunda e radical com o modelo cultural predominante (DOMINGUES, 1991, p. 32). Isso porque Galileu defendia a ideia de que deveria haver uma independência total da física em relação aos textos bíblicos, e assim, ele afirmava que, para se explicar os fenômenos da natureza, o homem não precisaria mais recorrer à ideia de causa final, tampouco a qualquer tipo de intervenção de uma providência divina. (DOMINGUES, 1997, p. 32-33).

No entanto, esse critério de independência das explicações científicas dos textos bíblicos possibilitou Vico a desenvolver um método de descrição dos fenômenos históricos, pautado no desenvolvimento do ser humano da história. Esse método desenvolvido pelo filósofo napolitano tem como força motriz a noção de necessidade. Comparando-o, com o pensamento de Espinosa, que afirma que a criação do espaço humano, social, é o local onde o homem “inscreve os costumes, os hábitos, as normas, os valores e as ações.” (DOMINGUES, 1991, p. 87). Assim, pode-se dizer que a modernidade não gestou um único modelo epistemológico interpretativo da realidade, que fosse capaz de explicar tanto os fenômenos da ordem da natureza, quanto da história, ou das ciências humanas.

Pode-se afirmar que Vico foi um dos pensadores da modernidade que não só fugiu da padronização lógico-matemático para descrever os fenômenos humanos, mas afirmou que a história é um feito humano. Ela possui dois movimentos, um universal e outro particular. O universal diz respeito à história da humanidade, e o particular, às idades que a compõem. Desse modo, Vico, ao narrar a história da humanidade a divide em três idades: a idade dos deuses (sentido), a idade dos homens (fantasia) e a idade dos homens (razão).

Nessa narrativa Vico esboça uma história das ideias humanas e a denomina de ciência de metafísica da mente humana. Isso porque a relação do homem consigo mesmo, com o outro e com a natureza possibilita que o homem modifique o seu modo de pensar e agir no mundo. Por isso, para o filósofo, a história universal é a história do gênero humano que foi se constituindo pela ação humana sobre o espaço natural e social.

Cabe destacar que, no ciclo de cada idade, os homens foram construindo costumes, hábitos, crenças, valores, tais como a religião, o matrimônio e o hábito de sepultar os mortos.

Para Vico, os três costumes - religião, matrimônios e sepultamento dos mortos - mantêm-se vivos nos três estágios da humanidade. Evidentemente, que em cada período, esses costumes tiveram suas representações coerentes com as características de cada época. Estes princípios do mundo civil são eternos, no sentido de que são imutáveis. Marcas preponderantes em todos os povos e em todos os estágios da humanidade, sob o risco de, na falta deles, faltar também a própria humanidade. Segundo nota Vico, “destas três coisas começou em todas [...] as nações, mesmo as selvagens e cruéis [...] a humanidade” (*Sn44*, §333). São tão importantes os três princípios que desempenham quase a função de causa da existência da humanidade.

Nesse sentido, Vico afirma que “[...] que os homens, mudando-se, retêm, durante algum tempo, a impressão do seu vício primeiro.” (*Sn44*, §1004). O mundo dos homens é feito pelos homens, e suas mudanças ou estagnações em algum estágio devem ter razões na própria mente humana.

Segundo Vico, todo esse processo histórico de mudanças, retrocessos e evolução são regidos pela Providência Divina. A providência é a base para o fortalecimento dos princípios, dos costumes e da sociabilidade do homem em sociedade, pois, segundo o napolitano, sem a providência divina os povos, tão diferentes entre si, poderiam aniquilar-se ao longo do tempo. O tema da providência divina será tratado no capítulo 2.

Por fim, é importante destacar a contribuição investigativa do filósofo napolitano, na obra *Ciência nova* (1744), a respeito do nascimento e do desenvolvimento das instituições sociais, jurídicas, políticas e o surgimento das

línguas, das fábulas, dos mitos, da escrita, da história, da ciência e da filosofia. E ainda ressaltar que o estudo dos acontecimentos da história universal humana constitui uma reflexão a respeito da evolução do homem como um construtor da linguagem, como arquiteto das inovações e como o criador das instituições, firmando-se como um ser social, racional e inteligente.

Assim, na obra *Ciência Nova*, a história é o artefato dos homens, isto é, o homem faz a história. Para explicar esse movimento dos homens na história, demonstraremos nas seções seguintes deste trabalho como o filósofo napolitano explora a tábua cronológica<sup>1</sup> dos egípcios para precisar os tempos da humanidade, o progresso humano na dimensão temporal de sua existência, como um ser sócio-político, cultural e racional.

### 1.1. Idade dos deuses

O *factum* histórico dos homens acontece em cada uma das idades, com suas particularidades e singularidades. Na idade dos deuses, os primeiros homens viviam somente para a satisfação de suas necessidades e visando a sobrevivência. Eram homens robustos em força corporal, denominados por Vico, por isso, de gigantes ou bestas-feras. Essas criaturas possuíam um comportamento intelectual animista, uma vez que elas projetavam sobre a natureza e os fenômenos naturais, uma versão terrível e ampliada de si mesmos, por se relacionarem consigo mesmo e com a natureza apoiando, quase que exclusivamente pela faculdade da imaginação. Nesta idade, a imaginação era o motor do conhecimento e da experiência humana. De acordo com Vico, em todas as nações, durante essa época da humanidade, a mente humana imputava os acontecimentos da natureza aos deuses.

Para o napolitano, a idade dos deuses começou lá atrás, no começo da história humana, na época do pós-dilúvio, quando os homens, caídos da natureza

---

<sup>1</sup> Esta Tábua Cronológica apresenta o mundo das nações antigas, que desde o dilúvio universal vai girando, desde os Hebreus, passando pelos Caldeus, Citas, Fenícios, Gregos e Romanos até à sua guerra cartaginesa. E nela surgem homens ou fatos famosíssimos, determinados em certos tempos ou fatos no mundo; e nela surgem das longas e densíssimas trevas, onde estavam jazendo sepultados, homens insígnies e fatos relevantíssimos, pelos quais e com os quais aconteceram grandíssimos momentos das coisas humanas. Tudo isto se demonstra nestas anotações, para dar a entender quanto a humanidade das nações tem os princípios incertos, ou indecorosos, ou defeituosos, ou vão. (*Sn44*, § 43)

íntegra de Adão, viviam como animais, na selva, e trabalhavam em busca da sobrevivência: fazendo somente o que era útil para manter a própria vida. Nesse período, exatamente por causa da manutenção da própria vida: para fugir das feras selvagens, encontrar pastos e mulheres esquivas, os homens saíram vagando pela terra, o pensamento desses primitivos era obtuso e, errantes pelo mundo, num vagar ininterrupto, ainda inexistia uma vida humana em sociedade. Mesmo nas comunidades gentílicas, onde os homens já haviam renunciado a religião da sua linhagem ancestral, que servia de referência para que os mesmos conservassem suas vidas, assim como a “sociedade do matrimônio, das mesmas famílias.” (*Sn44*, § 369).

Neste período, ocorreu uma dispersão familiar em diversas direções. Em suas andanças pela selva, as feras que lá habitavam perseguiram as mulheres, e desse processo elas abandonaram seus filhos que devem ter crescido “sem ouvir voz humana, mas também sem aprender costumes humanos, pelo que chegaram a um estado de fato, animal e ferino.” (*Sn44*, §369). Assim, os sentidos eram todos reduzidos ao corpo, isto é, às necessidades e utilidades, de modo que não se observava ainda a clara distinção entre natureza e cultura, tal como a conhecemos. Como explica Damiani (2018, p.26):

A vida na selva pós-diluviana é apresentada como um movimento incontrolado de corpos físicos no espaço. Nesse sentido, o selvagem já não se distingue da selva, na qual seu corpo é movido pelos impulsos e paixões que o afetam. Anterior a toda consciência e a toda ação voluntária, a selva se apresenta como uma paisagem originária, em que a natureza humana se fundiu à natureza física.

Esses primeiros homens, primitivos, idênticos à selva e reduzidos à natureza física, segundo Vico, eram todos eles descendentes de Noé: filhos das raças de Cam, Jafé e Sem, que, no exercício do livre-arbítrio, optaram por viver de modo diverso da ideia original do Adão inteiro, íntegro e piedoso. Como relata o filósofo napolitano:

As raças ímpias dos três filhos de Noé teriam andado num estado ferino, e com um vaguear ferino teriam se espalhado e dispersado pela grande selva da terra, e tinham uma educação ferina. Nesse tempo foi que pela primeira vez o céu relampejou depois do dilúvio. (*Sn44*, §195).



Surge assim “as civilizações gentílicas que saíram divagando selvagememente pela terra” (*Sn44*, §369) e por medo do desconhecido e das intempéries da natureza, e afastadas do Deus criador, criaram outros deuses para si, como Júpiter, e outras divindades pagãs. De acordo com Vico:

Os primeiros homens [...], por sua natureza, acreditavam que os raios e os trovões seriam de Júpiter e que Júpiter ordenaria através de sinais, e que esses sinais seriam palavras reais, e que a natureza seria a língua de Júpiter [...]. ” (*Sn44*, §379)

Daí originaram-se as superstições humanas, as religiões, a mitologia, as fábulas poéticas numa tentativa de explicar as coisas do mundo. O homem nos primórdios dos tempos se assustou com as manifestações da natureza, como trovões, relâmpagos, terremotos e situações que não tinha controle e cujas causas eles desconheciam. Os sinais da natureza eram capturados pelos sentidos humanos, assim o homem apropriando-se da situação concreta com os sentimentos e as emoções, relacionou-se com a natureza em benefício do seu próprio desenvolvimento. Segundo Silva Neto (2018, p.8), o homem primitivo, sentindo-se indefeso diante do mundo hostil que o rodeava e que desconhecia, a tudo temia:

A solução para o medo foi um ‘confuso pensamento’. [...]. Por causa de um fato físico, a natureza pós-diluviana, e da paixão gerada por causa disso, paixão da qual se deveria escapar, em suma, graças aos corpos, o primitivo pensou, concebeu com razão aturdida a divindade assustadora. Depois de inventá-la passou logo a interpretá-la, iniciando a prática interdita aos hebreus, a ‘adivinhação’ ou ‘leitura dos auspícios’. Em vez de algo que inesperadamente assusta, o céu se transformava em um grande ser que comunica vontades e planos, que é ‘providente’. O medo é combatido e a necessidade de se estabilizar emotivamente é garantida a partir do momento que a natureza terrível é transformada em enorme ‘divindade providente’.

Tão logo transformaram a natureza assustadora num deus providente, os homens, ao mesmo tempo, começaram a relacionar-se com a natureza exterior, e comunicando-se com ela, dando início assim a uma forma de socialização: com as coisas naturais mediadas pela religião. Ao ouvirem os sons do trovão, eles passaram a imitar com gritos semelhantes. Esses povos relacionam-se consigo mesmo e com a natureza tendo o corpo deles e os seus sentidos como meio. Essa forma de relação Vico a denominou de “lógica poética”, ou seja, elege a mimese para se comunicarem. (SILVA NETO, 2018, p. 166). Dessa forma, Vico afirma que esses

homens e crianças utilizaram-se exclusivamente dos sentidos para conhecerem as coisas.

O processo de conhecimento é construído, nesta idade, por meio de onomatopeias, isso porque “as ideias das coisas se confundem com as próprias percepções dessas coisas”. (SILVA NETO, 2018, p. 167). Desse modo, as paixões dos homens eram expressas mediante gritos e grunhidos, e sentiam os trovões de “júpiter” como manifestação de uma ira do céu contra os homens. A palavra Júpiter aparece para expressar em palavras o som dos trovões, como tentativa de expressar o som dos trovões no céu. Júpiter era apreendido por eles como um elemento sobrenatural.

Para Vico, esse processo de imitação da natureza não significava somente uma conformidade da natureza humana à natureza. Aí já origina o primeiro contraste, dissintonia entre aquilo que é próprio dos homens e da natureza. E, com isso, o “homem”, ainda aterrado em seu corpo e misturado às suas produções mentais, “incorpora o conhecimento com uma forte carga afetiva.” Essa confluência entre o intelecto e a carga afetiva-emocional, segundo Silva Neto (2018, p. 171) constitui a mola propulsora para o ser humano desenvolver as suas habilidades e aperfeiçoar-se nas relações que estabelece com o mundo. Ainda sobre isso, Damiani (2018, p.31) afirma que:

Os primitivos intentam decifrar os signos que creem receber da natureza animada e comunicar-se com as forças sobrenaturais sob as quais creem viver. A idolatria, a adivinhação e os sacrifícios são as características comuns das primeiras religiões pagãs.

Vemos então que as expressões da época pregressa têm um grande valor. Os primeiros gigantes ouviam barulhos e pensavam por onomatopeias. Zeus, por exemplo, aparece para expressar o barulho do raio. E assim, sucede o surgimento dos demais deuses. Vico descreve um pouco como foi essa primeira experiência religiosa da humanidade:

Os primeiros autores da humanidade gentílica quando - duzentos anos depois do dilúvio para o resto do mundo e cem na Mesopotâmia - o céu finalmente relampejou, trovejou com raios e trovões muitíssimo espantosos [...]. Ali, uns poucos gigantes que estavam dispersos pelos bosques situados no alto dos montes, [...] eles assustados e atônitos com o grande efeito de algo que

desconheciam, ergueram os olhos e advertiram o céu. E porque em tal caso a natureza da mente humana leva a que ela atribua ao efeito a sua natureza [...] (*Sn44*, §377, p. 214).

Nasce na idade dos deuses a primeira linguagem humana que se origina desse assombro, do medo, do espanto em relação às potências naturais e de uma forma figurada, onomatopaica, de significação que, na substância, consiste em imitar barulhos, ruídos, sons e movimentos da natureza. É uma linguagem que surge por imitação, isto é, os humanos imitam pela voz, os sons da natureza, e que Vico a denominou de arte poética. Como exemplifica Vico: “Os homens ignorantes das causas naturais que produzem as coisas, quando não as podem explicar nem mesmo por coisas similares, atribuem às coisas a sua própria natureza, como vulgo, por exemplo, diz estar a calamita enamorada do ferro.” (*Sn44*, §180). A mente humana, desse modo, vence o isolamento e a solidão selvagem, conversa com os efeitos da natureza, diviniza, por acreditar serem os deuses a causa das coisas que sentia e admirava. (*Sn44*, §375). Daí a sabedoria poética, a primeira sabedoria do mundo gentio, iniciada com uma metafísica não racional, uma poesia divina.

Nesse mundo poético, dominado por deuses, os homens lançam as bases sobre as quais constroem as nações. As nações foram, portanto, segundo Vico, fundadas pelas fábulas sobre os deuses, sobre a religião, isto é, por mentes humanas que, incapazes de explicar os fenômenos que lhes amedrontavam com a razão e sua lógica, imaginavam histórias divinas sobre as coisas. “Segue-se que a primeira ciência a ser aprendida deveria ser a mitologia ou a interpretação de fábulas”, fato que se confirma historicamente, pois, segundo Vico, “como veremos, todas as histórias dos gentios têm seus primórdios nas fábulas, que foram as primeiras histórias das nações gentias.” (*Sn44*, §51).

Vico encontrou esse mesmo comportamento em vários povos da Europa antiga e também em outros continentes, e menciona como exemplo:

[os] Índios americanos, que chamavam deuses todas as coisas que ultrapassam a eles. Assim também, os antigos alemães que moram sobre o Oceano Ártico, de quem Tácito conta que eles falaram de ouvir a passagem do Sol à noite de oeste a leste através do mar, e afirmou que eles viram os deuses (*Sn44*, §375).

Com o surgimento dos diversos deuses, cada um atribuído a algum fenômeno da natureza, forma-se a primeira instituição civil, a religião, por acreditarem que os deuses seriam as causas das coisas que sentiam e admiravam. Assim, a religião é o fruto da divinização da natureza, como, poeticamente falando: o céu como um grande corpo animado com barulhos e assobio do vento e dos trovões envia alguma mensagem aos homens. (*Sn44*, §377).

Percebe-se a importância da religião nessa idade a partir do instante em que estimula as primeiras formas de comunicação, ou seja, a interação com os deuses. Destarte, os homens transferiram para os deuses forças personificadas e idealizadas da mente humana. Os deuses são a expressão exteriorizada da própria vontade do homem, as características do desejo humano materializado no ideal dos deuses, exprimem a catarse humana das emoções frente ao desconhecido. Além disso, a religião tem a função de aplacar as paixões humanas e contribui para melhorar as relações humanas. As religiões eram ricas em rituais e complexas, pois organizavam detalhes da vida de cada povo. A religião torna-se a base das relações humanas no ordenamento da convivência social, e, de acordo com Vico “a religião é vulgarmente eficaz para nos fazer agir virtuosamente. A piedade começou com a religião.” (*Sn44*, §503). Pois, temendo os efeitos da natureza divinizada, os homens escolherem o caminho da civilidade para acalmar os deuses.

Dessa forma relação do homem com a natureza foi possível perceber o surgimento do princípio organizador do mundo das nações. Para Vico, o ato fundador das nações. De acordo com Silva Neto (20018, p. 171) “foram as histórias sublimes dos deuses e dos heróis que interromperam o fluxo das paixões ferinas e resgataram o gênero humano da selvageria” e com a produção da poesia esses povos fizeram, na verdade, a própria história. E, nessa mesma direção, Botturi (2012, p. 234) afirma que a doutrina dos “caracteres poéticos” é “chave mestra” para se compreender a si mesmo e a construir a história da humanidade. Eis aí, ainda de forma simples e rudimentar, o princípio organizador das relações sociais.

Pois, segundo Botturi (2012, p. 235):

A configuração poética do mundo tem então a natureza de uma hermenêutica da experiência, cujas condições se desdobram, de um lado, na relação sensível-imaginativa com a realidade empírica, de outro, na relação metafísica da mente com as verdades (e por este meio com o Verdadeiro).

Sem essa experiência poética, o homem jamais teria conseguido inaugurar o seu mundo, se não tivesse a capacidade de transcender a imediaticidade empírica, afirma Botturi (2012, p. 236).

Esse processo de transcendência abriu caminho para a argumentação de Vico sobre a atuação da Providência Divina na construção da história da humanidade. Pois, segundo Vico, essa civilidade tem uma causa. O mundo dos homens não está abandonado ao acaso e a acidentes externos, mas é controlado pela Providência. Deus criou o homem à semelhança de Deus e o dotou de sabedoria divina para agir no mundo. Segundo Vico:

A providência Divina iniciou o processo pelo qual os ferozes e violentos foram trazidos de seu estado fora da lei para a humanidade. Isso aconteceu ao despertar neles uma confusa ideia de divindade. E pelo terror dessa divindade imaginada, eles começaram a colocar uma ordem nas coisas (*Sn44*, §178).

A providência Divina estabelece a ordem natural que projeta os indivíduos à vida social. De acordo com estudos de Vico, cada nação teve seus deuses, conjugando assim uma religião primitiva que inicialmente abrandava a bestialidade humana, acalenta os temores e as paixões do homem. A religião tem a função de catalisar a benevolência e a piedade nos homens, tendo influência direta nas relações sociais.

O mito se consolidou a partir da aceitação coletiva de cada povo, sendo a mitologia vivida pelos povos como uma verdade profunda, que explicava a origem e a forma das coisas, suas funções e finalidades. O mito organizava as relações sociais, de modo a legitimar e determinar um sistema complexo de permissões e proibições, levando o homem a encontrar o caminho da civilidade. Os deuses, a língua, a cultura, todas as religiões primitivas representam um modo de exprimir a estrutura social do povo.

Em suma, a idade dos deuses é o protótipo e rudimentar início do raciocínio humano por meio da imaginação e das fantasias. Nele, a experiência religiosa mítica possibilitou ao homem ultrapassar os limites da sua experiência empírica com a natureza e, por meio dessa transcendência por um lado, construiu princípios, normas e valores que possibilitassem dirigir a sua existência, e por outro, instrumentos para

dominar a natureza. Para Vico o medo dos deuses, os fez perceber que os deuses regulavam suas condutas, pois, acreditavam existir um mundo sobrenatural que mantinha controle sobre o destino humano. Assim, pode-se afirmar que a idade dos deuses foi caracterizada por homens que utilizavam o pensamento de acordo com os primeiros contatos com as coisas incríveis usando a fantasia, a imaginação, a memória e o engenho para lidar com o mundo ao redor.

## 1.2. A Idade dos Heróis

Nessa idade há uma mudança de comportamento dos homens. Após a sua transfiguração e “humanizados pela religião” e o uso do timão<sup>2</sup> (BISBAL, 1012, p. 82), os homens entraram definitivamente na idade dos heróis. O timão passa a ser o instrumento indicador de uma nova dispersão, uma nova forma de vaguear pelo mundo. Isso foi possível porque os homens passaram a acreditar que teriam uma origem divina, serem filhos dos deuses, que eram descendentes dos deuses. Quais são as características universais dos heróis ao longo dos tempos? O que pode ser classificado como um homem grandiosamente heroico? Para responder a essas questões Bisbal (2012, p. 83) assinala que os homens constroem a história a partir de diferentes formas, porque a natureza humana que os constitui são diferentes.

Para descrever a constituição dessa diferença Vico destacou a figura do timão. O timão, por um lado, é um princípio indicativo da dispersão humana, o caráter nômade do ser humano, a sua ação não está diretamente vinculada a um deus, por isso ele “não participa das coisas divinas”. (BISBAL, 2012, p. 82), além disso, eles não participam das núpcias e dos auspícios. Essa é o que caracteriza e diferencia a natureza humana dos fâmulos, da dos nobres, que acreditavam ter filiação divina. E, por outro, ele representa, segundo Bisbal (2012, p. 83) “o surgimento das primeiras colônias heroicas ultramarinas”. Assim, pode-se dizer que o timão simboliza a expansão marítima, por isso o término da idade divina.

Para Vico, esses povos navegadores fogem pelos mares e pedem refúgio aos gentios que cultivavam terras. Em troca da manutenção da vida dos nômades, os

---

<sup>2</sup> Na obra *Ciência Nova* Vico elaborou um frontispício que simboliza a ideia geral da obra. Um dos elementos da gravura é o timão que representa a migração dos povos nômades pelos mares da terra, proporcionando o encontro entre outros povos de outras culturas.

gentios, agricultores, admitiram estes na condição de fâmulos, criados que trabalhavam a terra, cujo termo deu origem à expressão família.

Nessa relação entre fâmulos e gentios originaram-se novas ordens, como: o asilo das pessoas, as cidades, a jurisdição para manter a ordem, os exércitos gentílicos, a nobreza, bem como o heroísmo.

Mesmo com toda essa mudança nas relações humanas, a idade dos heróis ainda continua rodeada de fantasia e imaginação. Podemos dizer que o conceito de herói está ligado às características da sociedade que o concebeu, bem como à época de sua concepção. Isso porque os atributos inerentes a um determinado herói espelham intimamente os valores de sua época e as necessidades de sua nação. Então, os homens são esses heróis que tiveram grande influência na história, como, por exemplo, a história de Aquiles que na mitologia grega, foi um herói da Grécia, um dos participantes da Guerra de Troia, o protagonista e maior guerreiro da *Ilíada* de Homero. Outro herói da mitologia grega foi Hércules que era filho de Zeus, deus supremo, e de uma mortal. O heroísmo de Hércules encontrou variante, com ampliações em quase todos os povos da antiguidade. Assim como existiram vários júpiteres na idade dos deuses, houve vários Aquiles e Hércules na idade dos heróis. (*Sn44*, §389).

Os heróis eram homens de origem divina, que se destacavam em vida pelos seus feitos, muitas vezes como guerreiros, aventureiros e líderes. Não possuíam superpoderes, no entanto, destacavam-se pela coragem, pela determinação e ambição. Tais homens ganhavam fama e glória, por isso eram cultuados e até mesmo divinizados. Eles recebiam culto dos seus povos, além de serem homenageados em rituais fúnebres nos supostos túmulos que lhes foram atribuídos. Apesar de encontrarem-se revestidos numa atmosfera mágica e parecerem aos demais mais do que homens, filhos dos deuses, segundo Vico, os heróis eram sim homens reais com características sociais importantes: “As fábulas heroicas foram histórias verdadeiras dos heróis e dos seus heroicos costumes, que se verifica terem florescido em todas as nações no tempo da sua barbárie [...]” (*Sn44*, §7). “Os heróis eram os filhos da terra que devem ter sido nobres, e filhos dos deuses os quais a terra foi a grande mãe”. (*Sn44*, §531).

Esses heróis, por acreditarem que sua origem derivasse uma filiação divina, as núpcias matrimoniais tinham a função tanto de se unirem aos seres humanos mortais, quanto de nutrirem a esperança que dessas uniões surgisse os heróis,

considerados semideuses. Sobre seus deuses e heróis, os homens contavam muitos mitos.

Além dessas características, Vico exemplifica em sua narrativa os acontecimentos históricos na Tábua Cronológica dos egípcios: no Egito, temos a figura do Mercúrio Trimegisto, ou o jovem, que é caracterizado poeticamente. Para os gregos a idade dos heróis teve seu início com a expansão dos filhos de Hércules, ou seja, os Heraclidas. Espalharam-se pela Grécia e suas colônias, alcançando a Ásia e formando reinos sacerdotais. Minos, rei de Creta, foi o primeiro legislador dos gentios e primeiro corsário do Egeu. Jasão dá início às guerras navais com a do Ponto. Teseu funda Atenas e ordena o Areópago. Ainda na Grécia, o evento histórico da guerra de Troia que foi permeado de mitologia, contos de Homero e a própria história. Nesse período teve início os jogos olímpicos ordenados por Hércules.

Nesse período de maior organização das sociedades há uma espécie de refreamento dos impulsos humanos que o corpo impunha à mente, de forma a dar-lhes direção, equilíbrio e civilidade (*Sn44*, §340). Surgem conjuntos de leis e valores que irão organizar esses grupos humanos. A sua função era de aplacar as insurgências, originárias de conflitos, promovendo uma estabilidade social temporária até o surgimento de novos conflitos. Pode-se dizer que elas promovem um devir contínuo entre paz e guerras. É uma época que existiu uma evidente divisão de classes entre plebeus, patrícios e aristocratas gerando muita tensão na época e uma série de guerras tribais e de conquistas de territórios e as deposições contínuas de reis. Há uma nítida passagem da economia das famílias da caça para a agricultura com novas formas de produção de alimento. Vico descreve algumas situações desse estágio:

Estando esses heróis estabelecidos em terras circunscritas e tendo crescido em número as suas famílias, não lhes bastando os frutos espontâneos da natureza e, para consegui-los em abundância, temendo sair dos seus confins, a que eles mesmos se tinham circunscrito por aqueles grilhões das religiões por que os gigantes tinham sido agrilhoados debaixo dos montes, e tendo-lhes insinuado essa mesma religião que deitasse fogo às florestas para obterem o aspecto do céu, donde lhes proviesse os auspícios, entregaram-se com muita prolongada e dura fadiga a transformar a terra em cultivo e a semear ali o trigo necessário para a nutrição humana.[...]. (*Sn44*, §539).



Essa estratégia utilizada para extrair mais alimentos da terra, onde viviam, caracteriza um desenvolvimento do espírito humano. Para manterem-se coesos dentro de uma determinada região, os homens passaram a construir técnicas para transformar a terra com o cultivo de bens necessários à sua subsistência. Com a expansão das famílias veio a necessidade de ampliação dos territórios. A partir de então se dá a formação das tribos e depois as cidades, as quais são formadas por nobres e rodeadas pelos plebeus. As cidades que também eram o lar dos deuses possuíam praticamente três classes sociais: patrícios, formada pelos pais de famílias nobres; plebeus, formados pelos pobres, filhos bastardos, estrangeiros e os fâmulos, pessoas que prestavam serviços domésticos; criados, empregados. As três classes minam o poder das antigas regras das famílias porque lutam pelos interesses de cada classe social.

Se por um lado, a população pobre da cidade, os plebeus, não possuía quaisquer direitos políticos, econômicos ou sociais, por outro, durante as guerras de conquistas, eles eram utilizados como instrumentos de guerra, enquanto os patrícios eram poupados. Assim, pode-se dizer que um dos primeiros conflitos de desigualdade foi a questão das terras. Pois, sendo as terras o lugar de produção de alimento existia um elemento comum de interesses, no entanto havia uma clara disparidade social na distribuição da terra, de alimentos e de renda.

Assim, nos primeiros tempos das repúblicas greco-romanas, a intensificação dos conflitos entre patrícios e os plebeus foi profunda. Os plebeus reivindicaram ocupar cargos no Estado, votar no Senado e realizar suas próprias assembleias. Exigia o fim da escravidão por dívidas, o acesso às terras conquistadas e o direito ao casamento legal como os patrícios. Um dos maiores motivos da tensão era a questão fundiária. Enquanto os grandes proprietários patrícios acumulavam cada vez mais terras, a plebe rural empobrecia. Muitos plebeus foram obrigados a lutar em guerras de conquistas e depois contraíam dívidas ao retornar para suas terras.

O descontentamento dos fâmulos e plebeus pela falta de igualdade de direitos obrigou os nobres a levar as reivindicações a sério que de forma ludibriosa elaboraram a primeira lei agrária:

[...] tendo os fâmulos a vida precária sujeita a esses heróis, que a tinham salvado nos seus refúgios, direito era a razão que tivessem um domínio civilmente precário, que gozassem enquanto aos heróis lhes aprazasse conservá-los na posse dos campos que lhes tinham

atribuído. Assim concordaram os fâmulos em formar as primeiras plebes das cidades heroicas, sem nelas possuírem qualquer privilégio de cidadãos [...] (*Sn44*, §597).

E ainda na Dignidade LXXXI Vico acrescenta: ‘É propriedade dos fortes não relaxar por intolerância os ganhos feitos com virtude, mas por necessidade ou por utilidade, cedê-los pouco a pouco e o menos que lhes for possível. (*Sn44*, §261)

A complexidade da acomodação das posses dos nobres levou a três tipos de feudos:

O primeiro foi o domínio bonitário dos feudos rústicos ou humanos cultivado pelos plebeus. O segundo foi o domínio quiritário dos feudos nobres, ou seja, heroicos, militares. O terceiro, domínio civil, o qual os patrícios ainda acreditavam serem os comunicadores da voz de Júpiter. (*Sn44*, §600 - 602).

Na idade dos heróis, o direito era dos nobres ditos heróis, que dominavam as cidades e povo por meio da força armada. Foi um período em que existiam lutas internas e externas às cidades, pois, além dos conflitos de classes sociais, as cidades também lutavam para proteger seus territórios de outros povos considerados inimigos e as lutas externas serviam para conquistar territórios em busca de riquezas, negócios e expandir cultura das grandes repúblicas. Na idade dos heróis a religião era um meio de manipulação e dominação social dos nobres o que garantia mais uma forma de superioridade em relação aos plebeus. Esse mascaramento da religião foi dando lugar ao surgimento da filosofia.

### **1.3. Idade dos Homens**

Na idade dos homens, o privilégio que era dado aos patrícios, por exemplo, torna-se, o princípio regulador da pátria. Segundo Silva Neto (2010, p. 174) o declínio do domínio civil dos nobres ocorreu com a estruturação e organização da República romana. Para Vico, ela representa as repúblicas populares que se tornaram no ápice, no apogeu do desenvolvimento da cultura das humanidades. Para ele, com a instauração da República estão dadas as condições materiais e espirituais para que os cidadãos tenham direitos iguais, participem da coisa pública e tenham justiça. (SILVA NETO, 2010, p. 174).

A grande conquista desse período foi a abolição das “secessões pais, filhos, fâmulos, plebeus, nobres e o reagrupamento de todos eles em torno da categoria homens ou cidadãos”. O aparecimento “dessa equidade” ocorreu devido o surgimento da “razão esclarecida”. (SILVA NETO, 2010, p. 174). Por isso, esse último estágio também é conhecido como a idade da razão. Segundo Vico essa idade, que teve seu início na época clássica da filosofia grega. O pensamento humano não será mais teológico como era na primeira idade e nem como na segunda idade. Será fundamentado na razão. Os governos teocráticos passam a ser democráticos. Os deuses deixam de ser a base da explicação das coisas e a razão passa a ter a primazia.

Nesse período há o surgimento de fatos históricos importantes de acordo com a Tábua Cronológica dos egípcios: os sete sábios da Grécia que para historiadores como Higino, os sete sábios são Pítaco de Mitilene, Periandro de Corinto, Tales de Mileto, Sólon de Atenas, Quílon de Esparta, Cleóbulo de Lindos e Bias de Priene. Plutarco lista os sete sábios como Tales, Bias, Pítaco, Solon, Quílon, Cleóbulo e Anacarses. Outras figuras importantes na idade dos homens mencionadas por Vico na Tábua Cronológica são Pitágoras, Hesíodo, Heródoto e Hipócrates. Período do acontecimento da guerra do Peloponeso. Sócrates dá início à filosofia moral refletida, Platão emerge na metafísica, Atenas brilha em todas as artes mais cultas da humanidade. Alexandre, o Grande, derruba a monarquia persa.

Um dos grandes destaques desse período foi Sólon, um estadista e legislador grego que iniciou uma reforma das estruturas social, política e econômica da pólis ateniense. Na época em que ele ascendeu como líder, Atenas era dominada por uma aristocracia hereditária, dos pais de família, os filhos dos patrícios, cujos integrantes eram chamados de eupátridas. Os eupátridas possuíam as melhores terras e monopolizavam o poder e o sistema em voga, todo ele baseado na riqueza de seus integrantes. Como era de se esperar, tal panorama gerava frequentes lutas políticas, já que os plebeus eram privados de qualquer direito, tornando-se muitas vezes devedores dos eupátridas, e como era costume, muitos acabavam como escravos por não conseguirem saldar suas extorsivas dívidas. Sólon combate tal realidade social, econômica e política, anistando as dívidas dos camponeses, proibindo a escravidão por dívidas, abolindo a hipoteca sobre pessoas e bens, libertando os pequenos proprietários servindo em regime de escravidão, impondo limites à extensão das

grandes propriedades agrárias, e finalmente e mais importante, diminuindo os poderes e arbitrariedades dos nobres. Reformou as instituições políticas e deu direito de voto aos trabalhadores.

Ainda na Tábua Cronológica, Vico faz menção da constituição das XII Tábuas, ou seja, as leis aplicadas na República Romana pelos pontífices e representantes da classe dos patrícios que as guardavam em segredo. Em especial, eram majoritariamente aplicadas contra os plebeus. Posteriormente, a constituição das leis publílicas como um conjunto de leis cujo objetivo era aumentar o poder político da plebe romana no período republicano. Receberam esse nome por causa de seus proponentes, o tribuno da plebe Volerão Publílio e o cônsul Quinto Publílio Filão. Outra lei, a Lex Poetelia Papiria foi uma lei da República Romana que aboliu o nexum, ou seja, o acordo pelo qual um devedor dava como garantia de um empréstimo a escravidão de si próprio (ou de um membro da família sobre o qual ele tinha autoridade, como uma criança) em nome do credor em troca da extinção do débito.

Enfim, a chegada da idade dos homens foi uma transição marcada por um longo processo. Gradativamente os homens mesmo diante das constantes tensões externas e internas, os diferentes grupos sociais reconhecem a necessidade da igualdade e da equidade para a sobrevivência da própria humanidade. Nesse período o raciocínio atinge o grau de abstração, da elaboração do direito e da democracia. A razão encontra o caminho da reflexão, da operação dos conceitos, da instrução, da educação, melhoramento da faculdade da imaginação e da fantasia. Uma idade acompanhada de avanços culturais e tecnológicos.

Na idade da razão o homem encontra na vida social segurança que aparentemente proporcionará a preservação da vida e melhores condições de obter igualdade e liberdade social. Isso se deu devido à consolidação de alguns princípios que regulam a vida social e direciona a conduta humana para esse fim. Abaixo foi apresentado como Vico descreve o surgimento e a instauração desses princípios na sociedade.

#### 1.4. Os princípios da humanidade das nações

Vico apresentou o movimento que constitui a história humana a partir de três idades, que foram descritas acima. No entanto, segue a questão: como estes homens podem progredir na direção da ciência nova? Como puderam passar de um estado “primitivo”, bárbaro, para outro estado “civilizado”? A resposta de Vico é a de que a divina providência foi indicando meio, medidas para que os homens pudessem transformar suas paixões bestiais em paixões humanas; a “pôr freio às suas paixões selvagens”. (SILVA NETO, 2010, p. 87). Esse movimento se deu lentamente, porque para que ocorresse essa transformação a mente humana precisou transformar-se; adquirir capacidade de ler sinais que a possibilitasse direcionar as suas ações, ou seja, foi necessário que gradualmente o ser humano percebesse a necessidade de criar hábitos, rotinas, e princípios que balizassem as suas ações.

Assim, já na idade dos sentidos, os fenômenos da natureza, raios, trovões, tempestades, etc. provocaram neles certos sentimentos. Um deles era de que esses sinais eram de uma força maior que eles, ou seja, dos deuses, e passaram, a partir de então, a temê-los. Esses sentimentos fizeram com que esses homens passassem a cultuar determinadas divindades e oferecer-lhes oferendas. Em outras palavras, esses homens sentiram a necessidade de construir uma relação, um vínculo ente eles e os deuses. Eis a origem da religião; dos cultos religiosos, que atuam como fomentadores de princípios balizadores para a conduta humana em sociedade. (SILVA NETO, 2010, p. 91).

Além desse sentimento religioso, Silva Neto (2010, p. 91) afirma que o “pudor”, a “vergonha”, as “uniões carnis”, como o matrimônio, com a religião foi constituindo parâmetros para os homens criarem determinados princípios que os fizessem transformar o seu estado de animalidade em estado de civilidade. Por isso, Vico escreve de forma contundente que as nações possuíam ideias uniformes acerca dos deuses e dos heróis e estes povos não se conheciam entre si e não se articulavam a esse respeito de condutas e princípios. Dentre essas uniformidades de ideias, o napolitano descreve também três costumes humanos que estão sempre presentes em todos os povos e em todos os estágios da humanidade: a religião, os matrimônios e os sepultamentos dos mortos.

Em primeiro lugar, descrevemos como a mente rude dos primeiros homens, surgiu as religiões bárbaras e com elas teve início o processo antropomórfico da natureza. Segundo Vico:

Seguidos de outros princípios da poesia aqui alcançados, se demonstra as fábulas terem sido verdadeiras e severas histórias dos costumes das antiqüíssimas gentes da Grécia e, primeiramente, que as dos deuses foram as histórias dos tempos em que os homens da mais rude humanidade gentílica acreditaram que todas as coisas necessárias ou úteis ao gênero humano eram divindades, de cuja poesia foram autores os primeiros povos, que se descobrem terem sido todos de poetas teólogos, os quais, sem dúvida, nos narraram terem fundado as nações gentias com as fábulas dos deuses. (*Sn44*, § 7)

Assim, a religião foi o primeiro passo dos homens à civilização, com o disparo do primeiro relâmpago e do primeiro trovão, os homens vagavam pela floresta e copulavam como bestas. Os primitivos, em seus pensamentos fantásticos, imaginavam que júpiter os observava nos coitos ao ar livre. Tomados por um medo moral dos deuses “cada um deles se pôs a arrastar para si uma mulher para o interior das grutas e a mantê-las lá dentro em perpétua companhia até ao fim de sua vida. Praticando assim, o ato carnal de modo encoberto.” (*Sn44*, §504). A superstição dos homens tementes aos deuses levou-os a buscarem as mulheres e formar as famílias. De acordo com Vico:

Os homens esconderam-se em certos lugares; onde, estabelecidos com certas mulheres, pelo temor da divindade perseguidora, às escondidas, com ligações carnavais religiosas e pudicas, celebraram os matrimônios e fizeram filhos certos, e assim fundaram as famílias. (*Sn44*, §13).

Vemos aqui outro costume uniforme entre os povos sendo formado: a celebração dos matrimônios, que instituiu o estado de famílias. Segundo Silva Neto (2010), “o matrimônio representa mais que a união carnal do homem e mulher, é a reunião da espécie humana sob uma legislação moral [...]”. Essa legislação moral, piedosa e religiosa dos casamentos solenes foi a base para o desenvolvimento das virtudes humanas (*Sn44*, §514) e do início de mais uma relação social, pois os maridos começam a manifestar seus pensamentos humanos com as suas mulheres. Também se inicia uma relação patriarcal, isto é, os homens primitivos mantinham a liderança e autoridade na família, sendo também o sacerdote, aquele que fazia todos

os rituais de família aos deuses. O pai de família, o “patriarca”, era símbolo da entidade social, reunindo-se em uma mesma comunidade todos seus descendentes, os quais compartilhavam de uma mesma identidade religiosa, cultural e patrimonial. Como exemplifica Vico: “Esta antiquíssima origem dos matrimônios originou que as mulheres entrassem nas famílias e casa dos homens com os quais se casam [...]” (*Sn44*, §507).

A instituição do matrimônio era seguida de rituais em homenagem aos deuses. Uma das solenidades a mulher era coberta com véu segundo hábitos antigos das famílias primitivas e depois um fingimento de tomarem à força as esposas. Dessa união matrimonial surgiram os filhos, cujo primogênito era o sucessor direto do pai de família para dar seguimento aos rituais da religião. Era filho dos homens gigantes que dominaram a terra e que depois, muitos deles chamados filhos dos deuses, senhores de família nobres e heróis. Como apresenta Vico:

E os heróis devem ter sido assim denominados com o sentimento de “senhores de famílias” [...]; tal como esse sentimento foi denominado “heri” pelos latinos, e daí a herança ser hereditas, que tinha sido denominada, com palavra nativa latina, “família”. (*Sn44*, §513).

A formação de família foi a evolução natural da sociabilidade humana: a procura do outro, o acasalamento e a chegada dos filhos. A família como um grupo social, instituída dentro das bases religiosas, fundamentada desde a primeira relação social com os deuses. Confirmando mais uma vez a frase de Vico: “o gênero humano, desde que há memória do mundo, viveu e vive convenientemente em sociedade” (*Sn44*, §135). A família é considerada como principal unidade básica de desenvolvimento do ser humano sendo um sistema muito complexo, passando por vários ciclos de desenvolvimento ao longo da história e deu origem às primeiras sociedades humanas organizadas.

O termo família nasceu do latim *famulus*. Depois do nascimento da sociedade de família surge a sociedade civil. Essencialmente a família formou sua organização no patriarcado, originado no sistema de mulheres, filhos e servos sujeitos ao poder limitador e intimidador do pai, que assumia a direção desta entidade e dos bens e a sua descendência. Fustel de Coulanges (1961, p.105) menciona que nos tempos antigos greco-romanos os filhos sofriam, ainda, o fato da diferenciação. Prova disso é de que a filha quando casava deixava de fazer parte da

família de origem, podendo seu pai amá-la, porém não lhe deixar bens, que cabiam aos filhos homens.

Sob esse aspecto do estudo dos costumes de família do passado, é oportuno registrar que no século XXI, o conceito de família, antes profundamente atrelado aos efeitos do casamento solene, considerado então a fonte geradora de normas básicas, como a transmissão da educação familiar e da religião por meio dos pais de família, sofreu transformações através dos tempos e em cada nação, acompanhando mudanças religiosas, econômicas e socioculturais. No século XXI, o matrimônio, enquanto único instituto a ensejar e a legitimar a família, convive com várias alterações, ou seja, a família não mais se baseia na concepção canônica de procriação e educação, da prole, nem tampouco na concepção meramente legalista, o que permite que sejam vislumbradas novas possibilidades de entidade familiar, uma vez que o afeto passa a ser pressuposto de constituição dessas relações.

A evolução histórica da humanidade reconfigurou o conceito tradicional de família na atualidade. Mudança resultante da ação de diversos movimentos sociais, que com lutas e reivindicações jurídicas no decorrer do tempo, as pessoas conseguiram organizar novas combinações e formas de interação entre os indivíduos, constituindo diferentes categorias de famílias contemporâneas. Como por exemplo: mães e pais solteiros; uniões homoafetivas; pluriparental, ou seja, o casal ou um dos dois têm filhos provenientes de um casamento, ou relação anterior.

As transformações históricas do avanço familiar ainda demonstram que a família é imprescindível na formação do indivíduo e na sua integração na sociedade. (SILVA NETO, 2010, p. 93). O conceito de família vem sendo reconsiderado em virtude do surgimento de novos formatos desse núcleo, de modo que qualquer pessoa capaz de constituir uma família é livre para fazê-lo, independentemente de sua condição sexual ou do parceiro com quem dividirá sua responsabilidade. O que Vico tem a ver com isso? Ora, Vico analisa a história da humanidade com ênfase no curso e recurso, ou seja, que os fatos históricos e culturais se repetem em formatos diferentes no tempo e espaço. Então é de se esperar as transformações históricas no formato das famílias no século XXI, pois a história da mente humana é geradora de progressos na construção sólida da jurisprudência de família.

Além da religião e do matrimônio que gera a constituição de família, cabe ressaltar que Vico descreve a respeito de outros princípios, como o sepultamento dos



mortos. A morte é uma experiência humana universal. Para os primeiros homens o falecimento era mais que um fator biológico, era constituído de uma grandeza religiosa rodeada de cerimônias, rituais e cuidados especiais ao falecido. Acreditava-se que a morte era mudança de status, ou seja, a alma tinha o acesso à imortalidade. O homem com senso imaginativo, religioso e supersticioso acreditava na existência de uma segunda vida depois da morte.

Os povos primitivos tinham uma crença no renascimento, tendo sempre como base a relação do homem com os fenômenos naturais, pois, assim como o sol se põe e retorna, as estações do ano vão e vêm, cada ser que morre, renasce em outra vida. Portanto, o renascimento seria universal. A partir desta crença, podemos perceber que desde os primórdios da civilização, em todas as nações, havia uma crença que a morte não era o fim. O sepultamento se torna uma prática comum em preparar o finado para outra vida depois da morte. Cada cultura desenvolveu seus sistemas fúnebres de modo característico com seus costumes e seus deuses. Segundo Silva Neto (2010, p. 94), “o sepultamento também é a instauração do sentido humano, a fixação de um sentido moral”.

Os homens adquiriram o costume de sepultar os seus mortos, sendo a sepultura definida como um “tratado do gênero humano” ou uma “relação humana recíproca” (*Sn44*, §337), ou seja, as famílias antigas tinham um acordo de sepultar os seus entes queridos, cuidar de suas sepulturas e ofertar alimentos, bebidas e realizar rituais sagrados, pois, acreditava-se que o morto sepultado se tornava uma espécie de deus, acreditava-se que os “mortos” protegiam a família. Esses mortos ajudavam nas colheitas, na vinda das chuvas, encaminhavam a sorte e protegiam as casas da família viva. Dando a sensação de continuidade da vida em família. (COULANGES, 1961, p. 22).

Vico escreve como era importante o sepultamento dos mortos para os povos:

Finalmente, para avaliar quão grande princípio da humanidade sejam as sepulturas, imagine um estado ferino em que os cadáveres humanos nele permaneçam insepultos sobre a terra, a servir de engodo aos corvos e cães; pois deve estar certamente de acordo com este costume bestial não só aquele de ficarem os campos incultos, mas as cidades desabitadas, e que os homens à maneira dos porcos, irem comer as bolotas, apanhadas por entre a podridão dos seus parentes mortos. (*Sn44*, §337).

Quiçá, sepultar os mortos surge como um comportamento intrínseco de respeito ao outro, como um princípio de humanidade do pensar humano. As sepulturas são características da espiritualidade dos homens e não somente uma questão de cautela de higiene, pois se fosse apenas por asseio poderia lançar o cadáver numa fossa um tanto afastada das moradias. Os corpos não são enterrados de qualquer modo. O sepultamento exige cuidados e atenção dos sobreviventes e rituais religiosos.

Todas as sociedades, desde as mais antigas até as atuais, criaram diversos sistemas fúnebres pelos quais podiam se entender com a morte em seus aspectos pessoais e sociais. Os rituais, as cerimônias religiosas eram uma forma de aproximação dos vivos com os mortos, pois no imaginário humano as almas, de alguma forma, ainda continuavam se socializando com os vivos. Portanto, o complexo ritual de honrar os mortos demonstra uma capacidade simbólica dos homens e uma verdadeira crença de existir uma vida depois da morte.

No entanto, qual a origem desses rituais? O que se pretende com eles? Para responder a essas perguntas é preciso recorrer à história da filosofia, para se evidenciar o sentido que o termo morte passou a ter na cultura ocidental, a partir do pensamento grego, medieval e início da modernidade. Em primeiro lugar, no pensamento grego uma das expressões que ganhou destaque foi a noção de alma elaborada por Platão. Esse autor ao recorrer ao pensamento arcaico resgata a noção de alma com a característica da imortalidade e o corpo como sendo mortal. Essa forma de conceber a condição humana tem sua origem na mitologia, com o mito de Prometeu.

O homem é um composto de corpo e alma; um mortal e a outra imortal. Aceitar a condição de mortal é o mesmo que aceitar a lei cósmica que rege o universo, o cosmos, onde todos os seres vivos nascem, desenvolvem, reproduzem e morrem. Mas, com a morte a alma humana une-se à alma cósmica, de onde ela originou. (DOMINGUES, 1991, p. 25).

Em segundo lugar, na Idade Média, em seu início, Agostinho apresenta a noção de que o ser humano possui alma e corpo, e que a alma é o que caracteriza a semelhança entre o homem e o seu Criador. (DOMINGUES, 1991, p. 28). Em outras palavras, a alma é imortal, e ela é imortal, apesar de também ser uma criatura divina. Nesses casos, tanto no pensamento grego, quanto no medieval, a alma é aquilo que

define o ser humano. É fonte da criação, da inteligência e do desenvolvimento humano, enquanto ser humano. Por isso, a necessidade de preservá-la e criar rituais de entrega da alma aos deuses ou a Deus.

Por fim, na modernidade, Descartes afirma que a alma, fonte das ideias que compõem o pensamento humano é o que diferencia o homem do animal, visto que o ser humano pergunta pelas razões de sua existência. Na alma, segundo Descartes estão os princípios norteadores para compor o pensamento científico; para a compreensão da essência humana. (DOMINGUES, 1991, p. 36).

Por fim, todos os aspectos uniformes de pensamento entre as nações foram permeados de muita religiosidade, envolvidos de diversos costumes comuns, tais como, a sabedoria poética, os pensamentos fabulosos derivando a mitologia, o surgimento do estado de família agregada à religião patriarcal e o respeito aos mortos. Cada povo com suas particularidades de costumes, mesmo em épocas diferentes da história e dentro da diversidade de cada um, há uma mesma natureza humana.

## **CAPÍTULO 2 - A linguagem e a sabedoria poética no desenvolvimento histórico-social das nações**

No capítulo anterior foi descrito o percurso do processo histórico da humanidade. Nele ficou perceptível o desenvolvimento do ser humano nas idades dos deuses, dos heróis e dos homens. Nesta seção, abordaremos como Vico descreveu a linguagem como um dos elementos constitutivos do ser humano, e como o lugar universal e o repertório original das imagens que apresenta espírito movimenta e dá vida ao interior das instituições civis e religiosas.

Para Vico, e a linguagem em sua gênese, na idade dos deuses, foi um instrumento que propiciou ao homem relacionar consigo mesmo e com seu corpo, com o outro e com a natureza. Como um ser de relação ele vai se constituindo como ser histórico-social.

Foi possível perceber nas narrativas de Vico, sobre as idades dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens, que há uma sincronia entre o desenvolvimento da linguagem e do pensamento humano contribuindo para que o homem se tornasse um ser social e racional. Além de que, nessas idades Vico descreve as várias formas de atuação do ser humano no mundo, a partir de determinadas estruturas mentais e corporais que o homem possui em determinado momento e, que ao serem transformadas, o faz passar para outra idade. Dentre os elementos impulsionadores do aperfeiçoamento humano está a linguagem.

A relação entre linguagem e desenvolvimento humano em Vico ganha uma abordagem diferente daquela apresentada por Descartes (1596 - 1650), em sua obra *Discurso do Método* (1637). Enquanto Vico compreende que o ser humano desenvolve-se pelo uso da intuição, da imaginação e da razão, e que em cada idade a linguagem assume feições, contornos e formatos diferentes; Descartes aponta a razão como um dos elementos que constitui e define o ser humano.

Na quinta meditação, o filósofo francês toma a linguagem como um elemento que distingue o agir humano dos demais animais. Para ele, o ser humano, ao proferir um determinado discurso faz isso com o intuito de fazer ser “entendido o seu pensamento”, portanto, tem consciência daquilo que disse; pensam o que dizem. (DESCARTES, 1999, p. 40). Os homens que não agem minimamente dentro desse

critério, ele afirma “não deveria ser considerado verdadeiramente homens.” (1999, p. 38).

Essa demarcação foi expressa a partir de dois argumentos. No primeiro ele afirma que:

(...) se houvesse outras que apresentassem semelhança com os nossos corpos e imitassem tanto nossas ações quanto moralmente fosse possível, teríamos sempre dois meios muito seguro para reconhecer que nem por isso seriam verdadeiros homens. (DESCARTES, 1999, p. 38)

Para este autor, a linguagem sempre deve acompanhar o movimento do pensamento, ou seja, expressão do pensamento. Se houver algum ser que profira palavras e ações que causem mudanças em seus órgãos, mas que não tenha um mínimo de consciência daquilo que está expressando isso pode acontecer entre “os homens mais embrutecidos”. (DESCARTES, 1999, p. 39).

E no segundo argumento Descartes afirma que:

O segundo é que, embora fizessem muitas coisas tão bem, ou talvez melhor do que quaisquer de nós falhariam infalivelmente em algumas outras, pelas quais se descobriria que não agem pelo conhecimento, mas somente pela disposição de seus órgãos. Pois, ao passo que a razão é um instrumento universal, que pode servir em todas as espécies de circunstâncias, tais órgãos necessitam de alguma disposição particular para cada ação particular; daí resulta que é moralmente impossível que numa máquina exista bastante diversas para fazê-la agir em todas as ocorrências da vida, tal como a nossa razão nos faz agir. (DESCARTES, 1999, p. 39).

Parecia que com a expressão “homens mais embrutecidos” Descartes não estava se referindo a um “ser originário”, no entanto, ele esclarece essa expressão quando afirma que:

É uma coisa bem notável que não haja homens tão embrutecidos e tão estúpidos, sem excetuar mesmo os insanos, que não sejam capazes de arranjar em conjunto diversas palavras, e organizá-las de tal maneira que seja possível “entender seus pensamentos”. (DESCARTES, 1999, p. 39).

Para esse filósofo os sentidos e a imaginação são fontes de erro, portanto, devem ser evitados.

Opondo-se a esta perspectiva, Vico destaca que, para além ou aquém da razão o ser humano expressa o seu modo de ser tanto pela intuição, quanto pela imaginação. Para o filósofo napolitano, os sentidos e a imaginação também são constitutivos do ser

humano, mesmo expressando uma compreensão de si mesmo, do outro e do mundo de forma diferente.

Assim, para atingir o seu objetivo, esse capítulo foi organizada em três subseções, a saber: Idades dos deuses – os sentidos e a linguagem; Idade dos heróis – a imaginação e a linguagem; e, a Idade dos homens – a razão e a linguagem.

### **2.1. Idades dos deuses – os sentidos e a linguagem**

Qual a razão em denominar Idade dos sentidos? Como a linguagem se manifestava nesta idade? A idade dos deuses pode também ser denominada de época dos sentidos. Cabe lembrar que os sentidos são capacidades passivas, ou seja, são os objetos que os acionam, e o que faz os homens moverem-se na direção dos objetos é um princípio interno de movimento, que age segundo as suas necessidades naturais. Essa forma de relação com os objetos não é mediada por um processo reflexivo. Eles se relacionam com os objetos, mas não os conhecem nem compreendem a finalidade da existência deles. Não dão razão às coisas e seres que os tocavam. Eles são atingidos por objetos, que produziam neles sinais ou excitações agradáveis, dolorosa, excitante ou deprimente, e conforma a sua vida a isso. O mundo só existe na medida em que repercute no homem, deixa nele as suas marcas.

Nessa relação com as coisas, afirma Vico (*Sn44*, §236) “a mente humana é naturalmente inclinada pelos sentidos”, ou seja, eles degustam as coisas. Assim, as coisas exalam os seus odores, que são capturados pelos sentidos desses homens. A diversidade de sons imitados pelo homem nessa relação com os objetos deu origem às várias formas de sentir e perceber os objetos. Assim, os gemidos, grunhidos, sussurros, os gestos, a imitação dos sons de outros animais, dos fenômenos da natureza são os elementos constitutivos dessa linguagem, pois expressão uma lógica poética. Para Vico essa experiência poética é uma expressão “metafísica da mente: investigação metafísica da alma humana em sua etapa primitiva, infantil, de sua lógica poética.” (SILVA NETO, 2018, p. 165).

Por isso, o que se aproxima e pode caracterizar a manifestação dessa linguagem é o conceito de mimese, ou seja, a arte de imitar. Segundo Silva Neto (2018, p. 166) Vico escolhe este termo não porque os homens da Idade dos deuses “somente podem imitar”, porque os seus corpos estão condicionados por uma

mentalidade imatura, mas, porque como disse Vico, “os sentidos são as únicas vias pelas quais pode conhecer as coisas”. Em outras palavras, Vico assinala que “a gênese histórica da sabedoria” tem seu início com “a imitação das propriedades concretas e sensíveis dos objetos”. (SILVA NETO, 2018, p. 166). Pode-se dizer então que a gênese da linguagem é a gênese da história universal dos homens.

Neste sentido, Vico introduz a linguagem poética como sendo a primeira forma de comunicação iniciada pela mentalidade humana. Essa forma de relação capta o objeto a partir da sua estrutura interna, não por meio de uma descrição geométrica de forma, altura, largura, peso, mas parte do interior das coisas, dos seus sabores, odores, viscosidade, barulhos. No entanto, simultaneamente a esse processo de invenção da linguagem, por meio da criação de um “mundo fantasioso dos mitos” essa lógica poética deu origem “as primeiras religiões pagãs.” (SILVA NETO, 2018, p. 171).

Pode-se, então, afirmar que a sabedoria poética se caracteriza como o modo de pensar dos primeiros homens, dando início ao do desenvolvimento da mente do ser humano que é transformada a partir das suas relações com o mundo. E, ao se valerem da força da imaginação esses homens primitivos fantasiavam deuses que falavam (linguagem) com eles por meio da natureza (*Sn44*, §375), ou seja, os sons dos raios, dos trovões, firmaram-se em uma linguagem poética que se situa no início do curso das nações. Trata-se de uma sabedoria vulgar, rude e brutal da qual compartilhavam os primeiros homens que deram início a vida coletiva e política da humanidade.

Para Vico, esses homens que:

Permanecendo imersa e sepulta no corpo, é naturalmente inclinada a sentir as coisas do corpo e tem de se esforçar e se fatigar muito para entender a si mesma, assim como o olho corpóreo, que vê todos os objetos que estão no seu exterior, e tem do espelho necessidade para ver a si mesmo. (*Sn44*, §331)

A criação da linguagem poética, das metáforas e das divindades resultou em uma estruturação histórico-social dos povos. Esta forma de sabedoria poética era uma superação intelectual humana para Vico. Pois, se tratava de uma verdadeira sabedoria coletiva, compartilhada por todos os homens, criadora de leis, de instituições civis e políticas, que permitiram afirmar o homem na história. A respeito da necessidade natural de criação dos caracteres poéticos Vico prosseguiu:

Que os caracteres poéticos, nos quais consiste a essência das fábulas, nasceram da necessidade natural, incapaz de abstrair-lhe as formas e as propriedades dos objetos. E, por via de consequência, deve ter sido esta a maneira de pensar de povos inteiros, que se viram impelidos a situar-se no âmbito de tal necessidade natural, o que sucedeu nos tempos de sua maior barbárie. Eterna propriedade delas é o engrandecerem sempre as ideias dos particulares. A respeito disso há um belo passo de Aristóteles nos *Livros morais*, quando diz que os homens de ideias curtas transformam em máximas todos os particulares. Esta deve ser, aliás, a razão de seu dito: porque a mente humana, que é indefinida, vendo-se premeada pela robustez dos sentidos, não pode celebrar a sua quase divina natureza senão engrandecendo com a fantasia esses particulares. Por isso será talvez que, tanto entre os poetas gregos quanto entre os latinos, as imagens dos deuses e também dos heróis resultam sempre maiores do que as dos homens. (*Sn44*, §816)

Assim, dessa sabedoria originaram o direito, as instituições sociais, as religiões, as línguas. Para a linguagem chegar ao estado da sabedoria poética, ela teve que percorrer um grande caminho que, segundo Vico, a linguagem articulada começou a se desenvolver por meio de onomatopeia como é encontrada nas expressões das crianças. Daí, no desenvolvimento humano foi-se formando a interjeição, os pronomes, os nomes, os verbos, então, os homens se comunicam com mais propriedade (*Sn44*, §448-453) e apresentam, nas várias línguas e culturas, alguma semelhança entre si.

Tendo em vista a descrição do aperfeiçoamento do ser humano por meio da linguagem, a idade dos heróis trouxe outras características significativas para se compreender esse processo. Vamos a ele.

## **2.2. Idade dos Heróis – a imaginação e a linguagem**

A transição da Idade dos deuses para a dos heróis foi longa e lenta. Nesta idade os homens criaram as primeiras associações, grupos familiares, tribos para se protegerem externamente, das agressões dos animais e de outros povos nômades, e internamente, das lutas advindas das disputas entre os seus membros. Principalmente, por pretenderem ter privilégios e concessões em relação às instituições do matrimônio e aos ritos de sepultamentos. Aqui a linguagem aprece vinculada aos ritos religiosos, de sepultamento, de casamento, nas normas e valores aceitos e difundidos pelo grupo familiar a que os homens pertencem.



As forças da natureza ainda atuam sobre o homem. Em sua dispersão pelo mar adentro, os homens experimentam a fúria ou a bondade dos deuses. O navio que dirige ganha sentido anímico. Desde o momento em que é fabricado, o navio vai assumindo características próprias, e passa a ser o presente de algum deus. Com isso, o homem que o guia mar adentro, e consegue cumprir a sua missão são e salvo ganha prestígio diante dos demais, pois a narrativa da viagem era uma “verdade narrada.” (*Sn44*, §403).

Com isso, esses homens ao retornarem de suas incursões foram tidos por aqueles que não partiram, como heróis, ou seja, uma pessoa guiada pelos deuses. As suas narrativas ganharam contornos divinos. Os seus feitos foram guiados por forças secretas. Desse modo, a palavra ganha significado ímpar e sobrenatural. Ao mesmo tempo, esse homem passa a ser visto pelos membros da comunidade como sendo expressão dos deuses. Assim, passa a serem formados os grupos diferenciados dentro da comunidade.

A linguagem assume várias outras funções, dentre elas a de narrar, cantar os feitos humanos. A fala ganha contornos cada vez mais complexos diante das experiências feitas pelo homem dessa idade. Além das fábulas, as metáforas utilizadas para explicar suas experiências e vivências passaram a ser mais abstratas, portanto, a distanciar o narrador das experiências narradas, o que o diferenciava dos demais membros do grupo social que vivia. No entanto, afirma Vico, mesmo ganhando sentidos diferentes daqueles a que foi originada, as palavras quase sempre “têm origem campesina”, diz Vico (*Sn44*, §404). O que indica a fonte originária e a condição de quem a criou.

A utilização da linguagem passa a ser difundida em vários setores, como: para organizar seriação de produtos agrícolas, contagem de utensílios, criação e fixação de normas e valores dos grupos sociais; criação de ritos religiosos, de casamento e sepultamentos. Enfim, a palavra deixa de ser algo próxima do objeto e passa a ser uma representação simbólica do mesmo. Ela expressa simbolicamente o mundo vivido de uma determinada sociedade, a mentalidade do povo que a criou; a organização social que foi criada e está inserida.

Pois, de acordo com Vico a linguagem passa a indicar posição privilegiada de alguns em detrimento de outros, visto que “os doutos”, cujas “mentes são todas iguais” “adquirem diversidades da diferente organização dos corpos e da diferente

educação civil” que receberam no grupo. (*Sn44*, §404). Diferente dessa idade é a idade dos homens, em que a linguagem ganha contornos mais racionais.

### 2.3. Idade dos Homens – a razão e a linguagem

A idade dos homens, diferente das idades dos deuses e dos heróis, que estruturam a linguagem a partir dos sentidos e da imaginação, articula a linguagem como expressão do pensamento. Esse processo de desenvolvimento da linguagem aponta para várias formas de organização social, assim como da mente do ser humano. Neste período é possível indicar que com a harmonização da linguagem juntamente com o despertar da razão levou o homem ao conhecimento e a invenção das ferramentas necessárias, úteis, confortáveis, agradáveis, até ao luxuoso e supérfluo. Palavras de Vico:

Ao mesmo tempo em que o caráter divino de Júpiter tomou forma o primeiro pensamento humano da gentildade, a linguagem articulada mundial começou a se desenvolver por meio da onomatopeia, que ainda encontramos crianças se expressando alegremente. [...] com relação a estas origens É de notar que a mesma sublimidade da invenção evidenciada na fábula de Júpiter, que observamos acima, marca o início da locução poética em onomatopeia, que Dionísio Longino certamente inclui entre as fontes do sublime, e que ele ilustra a partir de Homero, citando o crepitante som (siz ') emitido pelo olho de Polifemo quando Ulisses o perfura com a estaca de fogo. (*Sn44*, §447).

Segundo Vico a linguagem surge e evolui de acordo com as necessidades dos povos e a cada época histórica possui um tipo diferente de linguagem. Mas, todas as nações passaram, em algum momento pelo estágio da sabedoria poética. Ou seja, todas elas criaram suas próprias divindades, que davam um sentido aos rituais do matrimônio, do sepultamento e da religião. Assim vemos na idade dos deuses uma linguagem gestual; na idade dos heróis, uma linguagem metafórica e na idade dos homens, uma linguagem articulada. Esses três estágios se organizam em torno da imaginação e da razão.

Assim como a linguagem o surgimento da língua teve seu percurso, que de acordo com Vico, elas devem ter começado com monossílabos, como as crianças nascem e começam a balbuciar palavras. (*Sn44*, §231). As palavras são transportadas dos corpos e das propriedades dos corpos para expressar as coisas da mente e do espírito. (*Sn44*, §237). Ou seja, as palavras são a exteriorização das ideias dos homens.

História de palavras nas várias línguas nativas torna-se importante para o estudo da origem e evolução das palavras. Assim, observamos na língua latina que quase todo o corpo de suas palavras tinha origens silvestres ou rústicas. Por exemplo, *lex*. Primeiro deve ter significava "coleção de bolotas". Daí acreditou que é derivado *ilex*, como se fosse *illex*, "o carvalho" (como certamente *aquilex* é o "coletor de águas"); para o carvalho produz as bolotas pelas quais os porcos são desenhados juntos. *Lex* foi o próximo "uma coleção de vegetais", a partir do qual estes últimos foram chamados *legumina*. Mais tarde, em uma época em que letras vulgares ainda não haviam sido inventadas para escrever as leis, *lex* por uma necessidade de natureza civil deve ter significado "uma coleção de cidadãos" ou o parlamento público; de modo que a presença do povo era a lei que solenizava as vontades que foram feitas *calatis comitiis*, na presença dos montados comícios. Finalmente coletando letras, e fazendo como se fossem um feixe delas em cada palavra, foi chamado *legere*, "leitura". (*Sn44*, §240).

Estudando as línguas Vico se defrontou com a seguinte pergunta: como é que existem tantas línguas vulgares diferentes quanto os povos? Então, o autor começa a pontuar a respeito do surgimento das diversidades das línguas em função das necessidades e utilidades da vida humana, e segue:

Como os povos têm certamente diversidade de climas adquiridos de diferentes naturezas, dos quais surgiram muitos costumes diferentes, por isso, a partir de suas diferentes naturezas e costumes, muitas diferentes línguas surgiram. Em virtude da referida diversidade de suas naturezas eles têm considerado as mesmas utilidades ou necessidades da vida humana de pontos de vista diferentes, e assim surgiram tantos costumes dos povos, na maior parte, diferindo um do outro e, por vezes, contrários entre si; assim e não de outra forma, surgiram tantas línguas diferentes quanto há nações.

Que como deuses, heróis e homens começaram ao mesmo tempo (por eles eram, afinal, homens que imaginavam os deuses e acreditavam em suas próprias heroicas a natureza ser uma mistura das naturezas divina e humana), então essas três línguas começaram ao mesmo tempo, cada um tendo suas letras, que se desenvolveram com isso. Eles começaram, no entanto, com estas três grandes diferenças: que a linguagem dos deuses era quase inteiramente muda, apenas muito ligeiramente articulada; a linguagem dos heróis, uma mistura igual de articular e mudo e, conseqüentemente, da fala vulgar e dos personagens heroicos utilizados por escrito pelo heróis, que Homer chama de *semata*; a linguagem dos homens, quase inteiramente articular e apenas muito ligeiramente mudo, não havendo linguagem vulgar tão copiosa que não há mais coisas do que palavras. (*Sn44*, § 445 - 446).

Em síntese, a linguagem está inserida na língua de todas as nações, de modo que Vico também escreveu sobre a importância da língua falada pelos povos, pois o dialeto é uma das manifestações culturais que fundamentam a identidade de um povo.

E assim como foi reduzido todo o tempo do mundo em três idades, também Vico reduziu em três línguas faladas, respectivamente, ou seja, a linguagem dos deuses (hieroglífica ou sagrada), a linguagem dos heróis (simbólica ou figurativa) e a linguagem epistolar ou vulgar dos homens empregando sinais convencionais para comunicar as necessidades comuns da vida. (*Sn44*, §173).

### CAPÍTULO 3 - O feito humano

Com o intuito de atender o terceiro objetivo específico desta pesquisa, nesta seção foi reservada à descrição de como Vico evidenciou o conceito de *Verum Factum*. Para se compreender o princípio do verdadeiro e do feito (*verum et factum conventur*) nas obras de Vico, é importante observar o papel que Deus desempenha nele. O napolitano desenvolve este conceito fundamentando-o em uma perspectiva filosófico-teológica, em que ele enfatiza o modo como Deus – a mente criadora de Deus – e a mente humana compreendem o mundo, visto que Deus compreende o mundo de modo tridimensional e o homem bidimensional. (VICO, 1999-2000, p. 446).

Vico enfatiza na obra *De antiquissima italorum sapientia (Sobre a antiquíssima sabedoria dos itálicos - 1710)*, que “em nossa religião devemos distinguir entre os dois conceitos – o verdadeiro e o feito – porque a sabedoria divina foi chamada "Palavra". (VICO 1710, p. 446). Essa era uma característica distintiva do relato da fábula bíblica: que Deus cria todas as coisas a partir da sua palavra: “Deus disse: ‘Faça-se a luz’ E a luz se fez [...]”. ‘Façamos o ser humano à nossa imagem’ [...]. “Deus criou o ser humano à sua imagem” (Gn 1, 26-27), portanto, para Vico, somos criaturas de Deus. Também é característico deste relato o fato de que na origem não havia nenhum rastro de mal: “Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom” (Gn 1, 31).

Deus, o verdadeiro, representa os elementos exteriores e interiores das coisas e os entende, porque os contém e os define, ou seja, toda a complexidade e a imensidão que nos rodeia, desde a vida microscópica até as entranhas da matéria, como também acima, nas distâncias e magnitudes das galáxias, que ultrapassam a imaginação de qualquer ser humano. Sendo o Criador, conhece toda a criação. Deus é a primeira e única verdade; o infinito. Deus é a verdade divina sendo uma imagem tridimensional das coisas. (VICO, 1999-2000, p. 446).

Por outro lado, Vico descreve o homem como uma figura bidimensional, que só conhece e entende o mais externo, a verdade que por Deus nos foi revelada e que de maneira alguma podemos entendê-lo. Por isso, a mente humana é finita e externa a todas as outras coisas podendo pensar sobre as coisas, mas não entendê-las. Enfim, o criador do mundo é Deus, que dá forma e conteúdo ao universo; a criatura, o homem,

em sua finitude, cabe agrupar os elementos do mundo dado, externos à sua mente, construir a partir deles o mundo civil. Vejamos que essa limitação, finitude é considerado por Vico como um defeito da mente humana. No entanto, a compensação dessa deficiência é corrigida na medida em que o homem pensa, compõe e faz. Para o filósofo o homem cria e inventa o nome das coisas:

O homem não pode definir as coisas de acordo com a verdade, isto é, atribuir cada coisa à sua própria natureza, e fazê-las de acordo com a verdade - pois isso é exclusivo de Deus, não do homem - define os próprios nomes e, à imagem de Deus, sem se basear em nada, ele cria o ponto, a linha, a superfície do nada, de modo que, com o nome de "ponto", ele entende um ponto crucial que não tem partes; sob o recurso de "linha" uma extensão do ponto ou comprimento, sem largura e altura; sob o significado de «superfície», o encontro de duas linhas diferentes num único ponto, ou largura e comprimento, desprovidas de altura. (VICO 1710, p. 447).

Na medida em que o homem agrupa e recolhe os elementos dados cria a ciência e esta parece ser correlata às obras da natureza de Deus. De acordo com o napolitano o jeito de operar humano é semelhante ao modo divino, de forma que o verdadeiro e o feito se completam: “as ciências que dão um polimento (aparência nova) a esse pecado original e são, no seu modo de operar, similares à ciência divina, já que nelas o verdadeiro e o feito são conversíveis.” (VICO 1710, p. 450). Podemos notar, então, tal similitude ocorre o que é “verdadeiro é idêntico àquilo que foi feito”. (SILVA NETO, 2012, p. 214). No entanto, só “Deus possui a mais elevada ciência das coisas na medida exata em que é soberano artífice.” (SILVA NETO, 2012, p. 214). O homem “participa da razão já que é dotado de faculdade de colher os elementos das coisas e pode pensá-las (o *cogitare*), porém não possui a” capacidade racional de “reunir a totalidade dos elementos da obra de Deus.” (SILVA NETO, 2012, p. 214).

Essa interpretação sobre a mente de Deus e a mente humana é compartilhada por Martirano (2012, p. 258), quando afirma que “a mente humana” conhece “limitadamente os próprios objetos” a partir das suas próprias habilidades e capacidades. (MARTIRANO, 2012, p. 258). Enquanto “Deus gera as coisas e tem a capacidade de *intelligere* – recolher todos os elementos” (MARTIRANO, 2012, p. 258).

Acerca dessa questão comenta Berlin:

Todavia (Vico insiste nisso obstinada e repetidamente) a história tem sido afinal, feita pelos homens, contrariamente àquilo que não foi feito por eles, como as pedras, árvores ou os animais, e que nunca o será. Essa mesma capacidade imaginativa, que me possibilita conceber os sentimentos, pensamentos e ações dos seres humanos do meu tempo, mas distantes de mim no espaço, ou de diferentes costumes, linguagem ou mentalidade, torna finalmente possível que também compreenda as culturas remotas. (BERLIN, 1982, p. 42)

O homem, inserido no cosmos de Deus, é o protagonista na elaboração e sistematização das coisas, das mais simples às mais complexas, ditas por Vico de “coisas humanas”. O ser humano torna-se o criador do mundo civil, do mundo das nações, do desenvolvimento das sociedades e das suas instituições. Agindo assim, o homem pode conceber feitos na história. No entanto, nesta mencionada obra de 1710, Vico afirma que “a inteligência do homem [...] criando e agindo em face da providência, deve se tornar capaz de produzir uma realidade efetiva capaz de destacar uma verdade.”, (MARTIRANO, 2012, p. 261). Isso ocorre quando o ser humano utiliza-se do “paradigma da construção geométrica,” para compor a verdade matemática. (MARTIRANO, 2012, p. 261. “ O homem admite ser uma espécie de mundo de formas e números - A matemática é uma ciência que opera. ” (VICO 1710, p. 448).

Assim como a mente humana opera e cria para compreender o mundo a partir de princípios geométricos, segundo Vico (*Sn44*, §331) ela opera e cria “o mundo civil, a partir de princípios universais e eternos, que estão presentes em todas as nações.” e presentes também “nas solenidades religiosas, matrimoniais e nos ritos funerários.” (*Sn44*, §333).

Resta, portanto, concluir que o feito dos homens tem como fio condutor a mente humana. O conceito de *Verum Factum* é de fundamental importância para a fundamentação e construção da ciência.

A história da humanidade era efetivamente a história da razão, da fantasia, da sensibilidade, da imaginação que juntas e articuladas colocam o homem como o sujeito e o objeto da história, ou seja, o homem possui a capacidade de colher e interpretar os acontecimentos a partir de princípios universais que se repetem e

assumem contornos próprios em cada ciclo de idade que compõe a história dos homens. Nela, os homens ao fazer a história sofrem os seus feitos.

Podemos ainda ver na tábua cronológica o protagonismo das ações construtivas e também de horrores dos homens que exemplifica o conjunto dos feitos da humanidade, entrelaçado nas três idades da história e nas modificações da mente humana no curso e recurso das nações.

Nas modificações da mente humana destacamos a participação das faculdades do sentido, da imaginação, da memória e da engenhosidade. Essas são fundamentais para o desenvolvimento do homem, pois são as potencialidades humanas em ação. Mesmo os sentidos sendo passivos e os objetos atuando sobre eles, os sentidos possibilitam o aperfeiçoamento humano e o desenvolvimento da inteligência. As faculdades têm a ver com tudo que é feito pelos homens, pois pertencem ao intelecto humana. A mente humana é a base de todas as invenções. As faculdades integram o ânimo humano e colaboraram para compreender as origens do mundo das nações, pois são as suas próprias causas. Por causa dessas faculdades os seres humanos são capazes de expressar suas vontades; tomar decisões; avaliar situações; demonstrar emoções; pensar de forma lógica e racional; exercer domínio; possuir responsabilidades e criar coisas incríveis. Podemos dizer assim, por exemplo, que os primeiros homens "[...] poetas, criavam as coisas a partir das suas ideias fantasiosas [...]" (*Sn44*, §376). Eles não eram poetas no sentido estrito de artistas da palavra, mas no sentido etimológico de fazedores, de criadores.

No entanto, segundo SILVA Neto (2018, p. 169) o homem em sua relação primitiva com a natureza já está aperfeiçoando-se. Pois, a sua ação no mundo movido por suas necessidades evidenciam:

Duas noções aparentemente contraditórias: universal e fantasia, levando-se em consideração que a matéria prima desta última são os dados particulares da sensibilidade, que ela compõe, depois em imagens igualmente particulares. Ele acredita que o poeta por natureza, dotado de fantasia vigorosa e de robustos sentidos, está irremediavelmente preso ao particular, de modo que canta as aventuras e desventuras de Aquiles ou de um Ulisses. Entretanto, na realidade, não passa de “falsos” particulares, pois são indivíduos que definem, para além de suas singularidades, qualidades comuns a seres semelhantes, predicando-os. (SILVA Neto, 2018, p. 169).



Neste sentido, pode-se afirmar que a era dos sentidos e da imaginação já possuem princípios universais que vão organizando e constituindo a memória do ser humano, transformando-se em elementos formadores da própria ciência. Assim, pode-se dizer que todo homem que trabalha duro não se parece com Hércules, mas ele é um Hércules. É o caráter poético do fundador das nações (*Sn44*, §14), é o emblema de todos os homens que fizeram certos trabalhos que beneficiam a humanidade. Vico descreve a capacidade inventiva do homem desde os povos antigos à ciência moderna. Pois, a cada coisa grandiosa que o homem desenvolve, necessariamente reflete a verdade de que ele foi criado à imagem e semelhança de Deus. Como escreve Vico:

Não entra nesta discussão estabelecer se em virtude da análise a geometria tornou-se mais explícita, porém o certo é que nossos mestres modernos a utilizam ampliada com novos e engenhosíssimos instrumentos, e para não serem abandonados por estes no tenebroso caminho da natureza, transportam o método geométrico para a física, e com este fio de Ariadne, completam o caminho que inicialmente se propuseram, descrevendo as causas pelas quais esta maravilhosa máquina foi construída por Deus, não como físicos que procedem tateando, mas como arquitetos de um edifício imenso. (VICO 1708, p. 406)

A descrição de Vico sobre os fatos produzidos pelo homem, desde a era dos deuses, passando pela era dos heróis e desembocando na idade dos homens teve como propósito evidenciar os feitos realizados pelo próprio homem. Esses feitos tornaram-se os fundamentos da história humana, constituição da sociedade civil, e da sua nova ciência. O *Verum Factum* tornou-se fundamento que Vico concebeu para elaborar a sua Ciência nova, seu método científico, que ele chamou de “nova arte crítica”. Ela consiste em conjugar duas distintas disciplinas: a filosofia e a filologia, de modo a conjugar também a razão e o fato civil ou o feito (*factum*). Afirmando que “a filosofia contempla a razão, donde provém a ciência do verdadeiro; a filologia observa a autoridade do arbítrio humano, donde provém consciência do certo.” (*Sn44*, §138). De modo que na filologia: as pontes, os arcos etruscos, os bustos, livros, textos, inscrições rupestres, hieróglifos, não podia esgotar tudo que se pode conhecer. A filologia responde pela certeza, o factual, o feito. A filosofia é como feixe de luz interpretativo, uma hermenêutica que deve responder às questões do mundo, construí a verdade.

O filósofo napolitano tinha convicção que a filologia contribui para o estudo científico do desenvolvimento das línguas, das famílias, dos acontecimentos baseados em documentos, pois o surgimento da língua, dos símbolos, signos, metáforas, imagens, dos hieróglifos, da escrita, dos costumes, das leis foram instrumentos que contribuíram para a transformação humana e desenvolvimento da sociedade civil em cada época. Melo (2014, p.3) descreve que:

A Filologia experimentada por Vico é o saber investigativo de vasta obra do arbítrio humano como: as histórias, as línguas, as literaturas, poesias, fábulas, as leis, os costumes, as guerras, o sentimento de paz, as viagens, o comércio, entre outros, pois nesse universo da prática pode-se extrair os elementos relevantes para uma compreensão mais concreta dos princípios éticos e políticos da ação humana.

Assim, Vico concilia a razão, o verdadeiro do mundo histórico, conduzido pela filosofia, com a certeza (filologia), a verdade histórica, ou seja, o verdadeiro e o fato se convertem: *verum et factum convertuntur*. O verdadeiro é ao mesmo tempo, o conteúdo do autêntico e completo conhecimento da verdade. A razão analisa a verdade histórica. O princípio do *verum-factum* é que podemos conhecer completamente o mundo histórico-civil que os próprios homens construíram e modelaram com suas mentes.

Portanto, o homem, concebido com uma mente pensante, não é um simples espectador passivo diante do mundo, mas um ser capaz de ação. Por isso, Vico cuidou de meditar sobre o mundo das nações sob o prisma da filologia e da filosofia. Para ele, a filologia busca compreender “as expressões cognitivas presentes na língua e nos fatos dos povos.” (*Sn44*, §138). Essas se encontram presentes “em casa, nos costumes, nas leis”. Assim, os sentidos das palavras vinculados a sua raiz cultural, determinado pelo espaço e tempo, apresenta como a ação humana é movida por “necessidades e utilidade.” (*Sn44*, §141). No entanto, as palavras, utilizadas neste contexto evidenciam que, por mais primitiva a sua origem, o seu sentido evidencia uma conotação que ultrapassa a situação histórico-existencial daqueles homens que a criaram. Ela expressa um processo de criação do ser humano.

Já a filosofia, para Vico (*Sn44*, §1131-134) deve resgatar e evidenciar a dignidade do homem caído, não reforçar a sua miséria. Pois, mesmo estando na condição de miséria humana ele possui “livre arbítrio”, e é “ajudado por Deus

através da divina providência e, sobrenaturalmente, pela graça divina.” (*Sn44*, §136). A filosofia deve, portanto, buscar compreender o homem em sua totalidade, não somente a partir da sua dimensão racional. Além do que, a filosofia como busca da verdade, deve investigar o desenvolvimento humano tendo em vista alcançar esta verdade, que se encontra no mais profundo das ações humanas.

Por fim, a filologia e a filosofia auxiliam o homem a construir a ciência, a desenvolver um espírito crítico diante da realidade. Com isso, pode-se dizer que a modernidade se caracteriza pelo seu espírito crítico, onde vários filósofos a utilizaram para demolir os fundamentos do pensamento medieval, e reergue um novo modo de pensamento, pautando-se exclusivamente por um modelo de ciência que cultiva o espírito crítico. Foi assim que Vico, ao meditar sobre o mundo das nações, isto é, sobre o mundo civil que, por ter sido feito pelos homens, que pudesse fundamentar a sua compreensão de ciência. (*Sn44*, §141).

### **3.1. A Providência divina**

Como vimos no capítulo dois, para Vico, Deus é o criador de tudo e o homem é parte integrante das coisas criadas por Deus, logo, a criatura participa do funcionamento do cosmos. Além disso, apropria-se das coisas criadas por Deus para construir o mundo histórico civil, o mundo humano. Assim, o mundo natural (a natureza) pertence a Deus somente, o mundo civil (a história) pertence ao homem, enquanto é ele que o cria permanentemente, mas pertence também a Deus, na medida em que o cria condicionado. Como descreve Vico:

[...] este mundo de nações foi certamente feito pelos homens, pelo que se pode, porque se deve reencontrar os seus princípios nas modificações de nossa própria mente humana. A quem quer que reflita sobre isto, deve causar espanto que os filósofos tivessem submetido todas as suas energias ao estudo do mundo natural, o qual tendo sido feito por Deus, só ele pode ter ciência, e se descuidassem de meditar sobre o mundo das nações, isto é, sobre o mundo civil que, por ter sido feito pelos homens, dele podiam os homens obter ciência. (*Sn44*, §138).

A natureza humana, por mais determinada que seja possui o livre arbítrio e habilidades que a impulsiona para realizar e satisfazer as suas necessidades. Compreender o ser humano assim é concebê-lo para além da sua natureza caída. É

preciso perceber, diz Vico aquilo que toma o ser humano atuante na história. É neste sentido, que a história da humanidade deve ser analisada, ou seja, como obra do homem, que opera no mundo com auxílio da providência divina. Em outras palavras, pode-se afirmar que a providência divina é a força motriz da vontade, desejo e intencionalidade humana. É, influenciado por essa força motriz que o homem constrói a história ideal eterna. Sobre esse movimento da história Vico analisa criticamente o papel dos filósofos que apenas contemplavam a providência como uma força motriz da ordem natural, esquecendo-se do aspecto muito coerente: a natural sociabilidade humana, ou seja, o engenho providencial manifestando-se também na sucessão de eras históricas e no caminhar do tempo humano.

Neste sentido, para o napolitano, a presença da providência é uma ação que impulsiona o processo do desenvolvimento das idades desde a dos sentidos até a razão. Ela é a sabedoria poética, ou divina, que auxilia e dirige os homens no desenvolvimento de suas capacidades de tecer significados frente ao medo e ao espanto. Ela está presente em todas as ações humanas, inclusive nas guerras e lutas de interesses entre os nobres e os plebeus. Somente pelo intermédio da providência divina que os povos não destruíram uns aos outros. Está presente na sabedoria reflexiva, na abstração das ideias. Por isso, a Providência divina é a responsável por guiar e ordenar os fatos históricos. Isaiah Berlin afirma:

O trabalho da Providência, a antecipação de Vico à “Astúcia da História” (ou da “Razão”), de Hegel, obedece (ou impõe) esse modelo platônico. A Providência é a que dirige os instintos e propósitos dos homens para a criação das instituições que, de fato, são as que administram seus verdadeiros objetivos na Terra, mas que, sendo estes primitivos e depravados selvagens como são não estão em condições de [a] conceber, e muito menos [a] almejar; e a Providência é identificada com esse modelo platônico, com as leis que governam a história ideal eterna dos povos. (BERLIN 1982, p. 46).

A providência se mostra nos acontecimentos históricos, de modo que para Vico o mundo histórico-civil não se formou espontaneamente, por acaso e sim conduzido pelos homens e ordenado pela providência. A concepção viquiana de providência divina sofreu muitas críticas dos pensadores modernos de sua época, pois, Vico propunha uma providência histórica e secular. Afastando do pensamento clássico de Agostinho, como escreve LÖWITH:

Com Vico, é [a Providência] reduzida a uma última estrutura de referência, cujo conteúdo e substância não são mais do que a ordem universal e permanente do próprio curso da história. O Deus de Vico é tão onipotente que se pode abster de intervenções especiais. Atua totalmente no curso natural da história através dos meios naturais: ocasiões, necessidades, utilidades. E, para aqueles que podem ler esta linguagem natural da providência histórica real na história social do homem, a história é, da primeira à última página, um livro aberto de admirável designio. (LÖWITH 1991, p. 127)

Assim, pode-se afirmar que o pensamento de Vico desenvolveu uma reflexão sobre a formação da história das nações, e apontou ainda que os costumes e os feitos humanos constituem o mundo civil, tendo como pilar dessa construção a providência divina, pois em nenhum momento problematizou as ações humanas e a providência divina. Prudentemente distinguiu a fábula bíblica das histórias das várias nações gentias. Esse fato favoreceu a uma interpretação do agir humano na história pelos estudiosos do pensamento de Vico a respeito do conceito de providência divina.

No parágrafo 342, Vico escreve:

[...] uma tal Ciência deve ser uma demonstração, por assim dizer, de um fato histórico da providência, porque deve ser uma história das ordens que aquela, sem nenhuma advertência ou conselho humano e, frequentemente, contra esses propósitos dos homens, deu a esta grande cidade do gênero humano, pois, se bem que, este mundo tenha sido criado particular e no tempo, porém, as ordens que ela (providência) nele pôs são universais e eternas.

A providência divina é a preceptora dos fatos históricos no mundo dos homens, eventos que têm como características serem universais e eternos. Os fatos não acontecem de forma igualitária em todas as nações devido às particularidades de cada povo, no entanto, há um tipo ideal que serve de critério ou ordem de semelhanças na forma e estrutura que são universais e contínuas no processo histórico. Vico faz uma análise dos tempos primeiros e os últimos das nações antigas e modernas explicando que em todos os tempos e estágios das nações está presente a história ideal das leis eternas sobre as quais transcorrem os fatos dos povos, nos seus surgimentos, progressos, estados, decadência e fins. (*Sn44*, §144). Expressando os mesmos conceitos em línguas diversas e de modos diversos os costumes universais. A respeito disso escreve o napolitano: “ideias uniformes, nascidas no seio de povos inteiros, desconhecidos entre si, devem possuir um fundamento comum de verdade.” (*Sn44*, §144).

Portanto, vemos que no mundo das nações há uma organicidade interna que o sustenta e mantém. A providência se torna o fio condutor da razão sem a qual as ações humanas são incompreensíveis no mundo dos homens.

A providência, nessa perspectiva, é analisada como o entendimento humano que organiza o pensamento dos homens e suas ações e se constitui como o alicerce da conservação da vida. A partir do momento em que os homens começam a fazer uso da ferramenta da razão, o isolamento é quebrado e o estado natural dos homens transforma-se na convivência em sociedade. A providência divina é a oportunidade da formação das primeiras comunidades humanas tirando o homem do isolamento. Segundo a argumentação de Guido (2006, p. 122): “sem a providência os homens pereceriam na solidão de seres ferinos”. A providência humaniza aquele homem ferino visto desde a idade dos deuses e que evoluiu ao longo do tempo, como bem argumenta o pesquisador Silva Neto: “o pensar é a potência divina (ou providência) que dá a esses seres a possibilidade de, por eles mesmos, endireitarem certos desvios da sua condição, como a insociabilidade proveniente do pecado original e da renúncia das gerações de Noé.” (SILVA NETO 2018, p.6). Ou seja, é a surpreendente superação humana dotada de uma mente divina que pensa e faz a história, que converte paixões ferinas em virtudes, o isolamento em condutas sociais, e nas palavras de Vico, os homens são: [...] naturalmente ajudados por Deus através da divina providência e, sobrenaturalmente, pela graça divina. (*Sn44*, §136).

Vico afirma peremptoriamente que “[...] a providência foi chamada “divindade”, de, “*divinari*”, “adivinhar”, ou seja, compreender o que está escondido nos homens, que é o porvir, ou o escondido pelos homens que é a consciência [...], logo as coisas divinas e as coisas humanas se complementam.” (*Sn44*, §342). Aqui vemos que a providência não anula a identidade humana, pelo contrário o complementa com a divina sabedoria que habita o homem naquilo que ele tem de graça que é a racionalidade.

Assim, a Providência dá sentido à caminhada do homem em sua história: na religião, nas leis, nas instituições, em todas as construções. O homem foi criado como um agente racional e com poder de escolha (*Sn44*, §387). Isto é um reflexo do intelecto e liberdade de Deus. De modo que a razão está presente de fato em cada produto criado pelo homem no tempo e de acordo com Guido, a providência é a consciência social produzida pelos homens sem nenhum auxílio externo.

Desse modo, Vico admite o livre arbítrio humano que foi naturalmente ajudado por Deus através da providência divina. (*Sn44*, §136). A providência é a mente legisladora que fez as ordens civis pelas quais os homens podem viver em sociedade. (*Sn44*, §133). Há uma lei histórica que constitui a ordem natural das instituições civis estabelecidas pela providência para regular e perpetuar a história universal humana.

Por conseguinte, há uma coerência nos cursos e recursos da história (*corsi e ricorsi*) graças à presença da providência divina. Sendo que o *corsi* que significa avanço de algo no tempo e *ricorsi*, retorno de algo ao lugar de onde veio. Tendo a providência sempre como a ordenadora de todos os cursos da história. Nesse sentido, Vico explica a existência de um modelo de desenvolvimento comum a qualquer sociedade humana, independente do lugar de sua formação, dividido em estágios das civilizações, ou seja, as três idades, e que alguns eventos se repetiam da mesma maneira, mesmo depois de tanto tempo; e isso ocorreu não por puro acaso, mas com base na providência divina (*Sn44*, §550).

Assim, é possível que os ciclos históricos e as recorrências se repetem, não apenas para um projeto preciso, mas, porque a essência humana sempre foi a mesma, apesar de todo desenvolvimento, ou seja, a luta natural entre o bem e o mal, a providência pode levar ao *corsi e ricorsi*, como as lutas por interesses de classes, as lutas pelo poder, um tirano opressor e demais acontecimentos que causam uma desordem de uma comunidade, de um povo.

Como mencionado na obra *Ciência Nova*, §138, que este mundo de nações que certamente foi feito pelos homens encontra suas modificações na própria mente humana, fazendo com que o mundo civil esteja em contínua mudança, pois os ciclos são gerados pelos feitos humanos. As modificações que ocorrem ao longo do *corsi e ricorsi* não são externas ao homem, pois o pensamento humano muda no tempo e, evidentemente, tudo o que por ele produz. Por exemplo, a decadência de uma nação pode ser o fim de um estágio e o início de uma nova fase como fatos semelhantes do estágio anterior, no entanto, submetidos e adaptados às modificações pertinentes ao novo período. Segundo Guido:

A ação da providência divina não se configura como força sobrenatural, pois, ela não interfere em momento algum nos eventos

humanos; a providência se faz presente como força natural e inata que impulsiona o homem ferino na construção da ordem social, na qual ele se reconhece e se realiza. (GUIDO 2003, p. 35 – 36).

Em suma, Vico estava convencido de que a história era caracterizada pela repetição contínua e incessante de três ciclos distintos: a era primitiva dos deuses, a era heroica, a era dos homens ou da razão. A repetição contínua desses ciclos não aconteceu por acaso, mas foi predeterminada e regulada pela providência divina. Assim, a história não progride de maneira linear, mas na forma de ciclos repetidos, o que significa que sempre há avanços e retrocessos. Desse modo, nenhum período possui em si um desfecho final, não é o definitivo. O período que impera hoje pode cair amanhã, a história, por fundamentar-se em um processo de constante vir a ser indica que há sempre alternâncias: progresso, retrocesso, criação, destruição. Por isso, a história não se resume à simples repetição dos conhecimentos acumulados, pois ela não se repete, atingindo cada nova fase, uma forma diferenciada em relação a que a antecedeu. Ela deve servir como instrumento de conscientização dos homens para a tarefa de construir um mundo melhor e uma sociedade mais justa.

Nessa perspectiva, sempre tendo a providência divina como articuladora dos fatos históricos; verificamos que o homem não caminha necessariamente para o progresso do pensamento racional, e que o retorno à era dos deuses é uma possibilidade. Um exemplo que Vico nos deu foi a decadência cultural durante a Idade Média. A providência exige racionalidade imanente no curso da história, que encoleira a liberdade do homem ao papel de verdadeiro criador.



## CAPÍTULO 4 - Da barbárie a civilização, da civilização à barbárie

Embora Vico veja certa positividade nos homens desde a idade dos sentidos, ele não deixa de enfatizar que estes homens são capazes não somente de realizar o progresso na humanidade, mas também retrocessos. Por isso, neste capítulo nos propusemos descrever como Vico efetivou a passagem da barbárie à civilização e da civilização à barbárie.

Para esse autor, por um lado, a providência atua na história e na vida concreta dos homens indicando por meio de sinais o caminho que a humanidade deve tomar. (*Sn44*, §1097). Mas, por outro, em diversas situações os homens seguindo os seus desejos e vontades próprias impõem “pesadas fadigas aos seus clientes, abusando das leis de proteção.” (*Sn44*, §1098). Ao fazer delas (leis) “ásperos governos,” provocam um mal-estar civil, desajustando a ordem natural das coisas, e com isso, a providência divina, visando restabelecer a ordem e harmonia social, impelem “os clientes amotinam-se contra eles.” (*Sn44*, §1100).

As lutas, as guerras, os amotinamentos e as convulsões sociais não podem ser vistos como expressão da vontade de poder de um grupo querendo submeter o outro. Vico aponta que a causa desses conflitos é gerada pelo desequilíbrio natural, causado por governos que não promovem a harmonia social.

Assim, sobre a manifestação da barbárie nas idades, que constituem os ciclos históricos da humanidade diz Silva Neto (2010, p. 182-183):

Apesar da trajetória circular da história, Vico não concebeu o eterno retorno das coisas humanas. Para ele, a sucessão de cursos significava sim progresso, de modo que nenhuma *ricorsi* será totalmente idêntico ao outro. Embora revelem desenvolvimentos iguais, os cursos históricos serão sempre qualitativamente diferentes, por isso, mais que circular, a história ideal eterna viconiana perfaz um movimento helicoidal, de círculos ascendentes. Como demonstra a Europa medieval, os povos caem na barbárie e os fortes voltam a dominar os ignóbeis, contudo, não voltam jamais à condição da primeira barbárie dos descendentes de Noé, onde não havia cidades, repúblicas ou filósofos.

Dessa forma, verificamos na Tábua da Cronologia os acontecimentos particulares das histórias de cada nação e evidenciamos as profundas transformações na história humana no que tange à política, economia, tecnologia, ideais, cultura.

Sendo essa cronologia uma das referências que o filósofo napolitano se apoiou para descrever as três idades, dos deuses, dos heróis e dos homens como também demonstrar as ações dos homens em cada tempo no mundo. Verificamos na cronologia que os avanços das idades não foram simultâneos em todas as nações, pois se nota que cada nação teve características intrínsecas a cada costume cultural no progresso, ascensão e declínio em cada idade.

Ainda na Tábua da Cronologia observamos que as necessidades humanas colaboram para as sucessivas lutas de classes, e que as guerras incessantes são o produto de lutas armadas entre as nações ou entre as próprias tribos rivais de mesma região motivadas por conquistas territoriais, econômicas ou ideológicas.

Vemos na Tábua que desde a antiguidade da história humana, a violência está presente nas relações de poder. Como, por exemplo, no código das XII Tábuas, era lícito ao pai de família matar o filho, vendê-lo como escravo. Era lícito fazer o outro escravo de acordo com as normas estabelecidas. A desigualdade social entre plebeus e nobres causaram conflitos e lutas. Os sacrifícios humanos em cerimônias religiosas para aplacar a ira dos deuses. As guerras de impérios transformaram em um mar de homens mortos. Aludindo a essa violência nos tempos modernos, presenciamos no século XX, horrores na primeira e segunda guerra mundial, além das múltiplas guerras civis em diversas regiões do mundo. Regimes políticos ditatoriais, tentativas de extermínios de povos por ódio, por questão de poder, religião, raça, cor, gênero, etc. Será que podemos supor que a barbárie é intrínseca na vida social dos homens? Pois, a barbárie caracterizada de forma física ou simbólica esteve e está presente em todas as temporalidades da história humana.

Em todas as nações, notamos o desenvolvimento da razão e também da barbárie que são aperfeiçoadas ao longo do tempo. O conflito, tanto nas guerras quanto nas lutas sociais, faz emergir na razão humana a instituição do poder judiciário e a constituição de várias formas disciplinares do direito que estipulam diversos mecanismos regulatórios nas sociedades ditando regras e comportamentos aceitáveis que se quebrados existe a punição necessária, em tese, para aliviar as tensões sociais e as guerras de modo a trazer a dignidade e a igualdade entre os povos. No entanto, apesar de todo o ordenamento jurídico e de diversas convenções de conflitos armados, as guerras, em qualquer estágio da humanidade, continuam e podem ser brutais e sangrentas e sempre causar sofrimento. Além das mortes em

campos de batalha, esse fato costuma causar misérias e fazer muitas vítimas indiretas.

Observando o movimento histórico da civilização do homem e a barbárie, quais são as características universais que define o sentido de barbárie ao longo dos tempos? Como surgiu essa expressão? Qual a conotação dada por Vico em suas obras? O que pode ser classificado como um homem bárbaro? Para responder um pouco essas indagações, apresentamos algumas definições.

Sabemos que cada povo da antiguidade possuía sua política, cultura e organização social própria. Os gregos na época de Alexandre, “o Grande”, acreditavam ser um povo extremamente desenvolvido na política, nos costumes, na cultura vasta e rica em conhecimento, além de se sentirem economicamente mais importantes. Os gregos designavam de bárbaros as pessoas que não eram gregas, ou seja, não compartilhavam da mesma cultura grega e também aqueles povos cuja língua materna não era a língua grega (*Sn44*, §638). No tempo do império romano, os romanos consideravam bárbaros todos os povos que estavam fora de seu domínio, e foi nesse período que a expressão passou a ser usada com a conotação de “não romano”, “incivilizado”, aquele que está a todo o momento ameaçando a civilização (*Sn44*, §638 - 639). Além do desejo dos romanos de alargar seus territórios em busca de glória, glamour, riqueza e conquista. Roma também tinha como princípio tornar “civilizado” o povo “bárbaro”.

O termo barbárie segue, então, com a conotação de uma perturbação da ordem da cidade. Dessa forma explicita Mattéi (2002):

É possível distinguir facilmente o que chamo efeitos de barbárie dos efeitos de civilização. O efeito de barbárie caracteriza toda a forma de esterilidade humana e de perda de sentido no campo da cultura, quer se trate de ética, de política, de arte, quer de educação. Para que haja barbárie, é preciso haver já uma civilização anterior que o bárbaro, como Alarico e seus visigodos quando do saque de Roma, vai bater, pilhar e destruir. Se o selvagem não teve tempo de criar obras duráveis de civilização pelo trabalho sobre si mesmo, o bárbaro procura arruinar esse mundo estrangeiro que o provoca e fascina, mas que ao mesmo tempo lhe devolve o reflexo de sua impotência a encontrar-lhe sentido. Em sua secundaridade, a barbárie está estreitamente ligada à civilização, de que é a face negativa, assim como a queda está intimamente ligada à ascensão: só aquele que pode subir está em condições de cair. (MATTÉI, 2002, pp. 13-14).

Segundo Guido “o primeiro emprego da palavra barbárie foi para identificar o estágio inaugural da vida humana no mundo, que correspondeu ao estabelecimento dos primeiros laços sociais.” (GUIDO, 2004, p. 73).

Já o conceito de civilidade vem do termo romano *civitas*, é, ao mesmo tempo, o agrupamento de cidadãos à cidade enquanto corpo físico, e o conjunto de regras para se viver em grupo, caracterizado com pactos de não-agressão. Mas essa trégua acordada só valia entre os membros da mesma *civitas*. Aos outros, os forasteiros, os diversos, os desiguais, sobrava a marginalização, ou, no caso de misericórdia, a escravidão.

Nesse complexo raciocínio entre civilidade, desenvolvimento e barbárie, Vico distinguiu quatro categorias de barbáries no mundo civil: do intelecto, dos sentidos, retornada e a da reflexão. A Barbárie do intelecto é o estágio imaturo do intelecto dos jovens em que são incapazes de qualquer grande obra, no entanto, sem o pensamento abstrato. É a barbárie da estagnação intelectual. Os jovens estão em uma idade em que a memória é tenaz e a imaginação é vívida e sagaz. (*Sn44*, §159). A barbárie dos sentidos ocorreu após o dilúvio universal no andar ferino dos homens na floresta como descrito no capítulo, na idade dos deuses, a ignorância e o estado selvagem desses primitivos foram aplacados pela religiosidade. Vico exemplifica essa barbárie:

[...] as religiões sanguinárias, que começaram, desde os primeiros homens cruéis e ferocíssimos, com voto e vítimas humanas. [...] conhecidas como vítimas de saturno e foram os sacrifícios de Moloch entre os fenícios, que passavam pelas chamas os meninos consagrados àquela falsa divindade; consagrações das quais se conservaram algumas na lei das XII tábuas. (*Sn44*, §191).

A barbárie retornada ocorreu na idade média sendo considerada mais nociva que a primeira. A barbárie retornada surge no declínio do Império Romano que foi conquistado por outros povos chamados bárbaros, esses últimos ainda não tinham atingido o desenvolvimento cultural de Roma instituíram uma dominação de retrocesso na história.

Tais formulações são confirmadas por Vico pela observação dos primeiros direitos que foram estabelecidos durante a Idade Média. Com a invasão dos bárbaros na Europa desaparece a cultura e com essas também as letras, o mundo europeu civilizado teve de ser novamente reconstruído com base nos novos costumes

surgidos nas novas fortificações feudais. (*Sn44*, §67). O retorno às primeiras coisas primitivas que já não é tão mais primitivo assim é uma nova barbárie que também se conterà com a religião. Nessa barbárie retornaram o fervor e a defesa da religião; as coisas humanas civis; os juízos divinos; os latrocínios heroicos; as represálias heroicas; os feudos, os primeiros asilos do mundo; os plebeus como trabalhadores das terras dos nobres; tributos pagos pelos plebeus aos nobres; e muitas outras características semelhantes aos primeiros tempos bárbaros. (*Sn44*, §1051 - 1056)

A última, a barbárie da reflexão, chegamos à idade da razão, os homens podem se corromper e voltar para o estágio inicial de barbárie que, segundo Vico, será muito pior que a primeira (barbárie dos sentidos), pois quando retornam à primeira barbárie - selvageria, superstição - já não são mais os primeiros homens primitivos e ingênuos. Ou seja, a inteligência e a clareza cognitiva adquirida pelo homem no terceiro estágio, alcançadas graças à capacidade reflexiva, permite ao sujeito ter maior liberdade e dirigir o livre arbítrio a fins livremente estabelecidos. Ao mesmo tempo, entretanto, uma vez que o livre-arbítrio em si, é indeterminado, se o distanciamento da capacidade de reflexão se torna excessiva, a liberdade do indivíduo se volta contra ele e, na ausência de direções morais, ele cai na barbárie da reflexão, decai do estágio civilizatório. Essa última barbárie é dita reflexão, pois na idade da razão o homem pode melhor ponderar a respeito dos efeitos dos seus atos na humanidade e suas possíveis consequências. A barbárie da reflexão pode ser mais destrutiva, pois o homem nesse processo civilizatório acumulou conhecimento, sucessão de feitos e avanços científicos, de modo que em cada época o homem nunca é o mesmo. Na idade da razão, o homem compreendendo as experiências do passado, as guerras, o sofrimento, a religião, a política, as instituições e os costumes podem fazer um futuro melhor. Sobre a barbárie da reflexão, escreveu Vico:

Por tudo isto, com obstinadas facções e desesperadas guerras civis, [os homens] vão fazendo das cidades selvas, e das selvas covis de homens; e de tal maneira, em longos séculos de barbárie, vão arruinar as más nascidas sutilezas dos engenhos maliciosos, que lhes haviam tornado feras mais imanes com a barbárie da reflexão do que tinha sido na primeira barbárie dos sentidos. (*Sn44*, §1106)

De acordo com Vico a civilidade e o desenvolvimento humano se estabilizam com a intervenção da razão, que é a própria providência divina, pois a

bestialidade dos homens e a barbárie só podem ser contidas pelo movimento racional do homem. Sendo uma mente legisladora como mencionada por Vico:

Esta dignidade prova existir providência divina e que ela é uma mente divina legisladora, que, das paixões dos homens - todos apegados aos seus proveitos privados, pelos quais viveriam como animais selvagens metidos nas suas solidões fizeram as ordens civis, pelas quais vivam numa sociedade humana. (*Sn44*, §133).

Podemos dizer que o homem é formado por um processo evolutivo acerca das alterações biológicas sofridas desde o nascimento até o desenvolvimento final, a ontogênese. Somado a história evolutiva da nossa espécie (filogenia). Acrescido com todas as experiências que os homens passam ao longo da vida e do livre arbítrio humano (participação de crenças e valores na vida civil). Esse conjunto de fatores agregados faz com que haja, na humanidade, uma evolução em sociedade de maneira diferente. Tudo isso tem consequências no espaço e no tempo, modificando a mentalidade humana e, por fim, atingindo e afetando os modos como o homem encara o mundo e interage com ele seja por meio da virtude ou por meio da barbárie.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito descrever os princípios norteadores da construção do mundo civil, segundo Giambattista Vico (1668-1744). Para esse autor, a mente humana formula tais princípios por meio de sua ação, sua relação consigo mesmo, o outro, com a natureza e com Deus durante um longo percurso histórico. Neste sentido, a história, por ser produzida pelas ações humanas, é o lugar em que os homens deixam seus rastros, suas pegadas. Assim, pode-se dizer que o processo da formação das nações é composto por um conjunto de referenciais, princípios que se manifestam nos feitos humanos, e que estavam contidos em cada homem.

A história é o lugar onde esses princípios se evidenciam. Vico, então, a exemplo de um “arqueólogo” foi “garimpando” e encontrando “vestígios” que pudessem desvelar como esses princípios foram se constituindo no percurso histórico. Para isso, seguindo as pistas dadas pelo filósofo napolitano, em primeiro lugar descrevemos o percurso da história universal feita pelos homens, seguindo as subdivisões sugeridas pelo autor, a saber, a idade dos deuses (sentidos), a idade dos heróis (imaginação) e idade dos homens (razão). Em cada idade Vico analisou e exemplificou como os princípios, que regulam a existência concreta dos homens e da sociedade foram se instituindo ao longo da história.

Na idade dos deuses, também denominada de idade dos sentidos, o contato foi a forma dos homens se relacionarem com as forças da natureza (trovão, raio, tempestades, etc.). Ao serem impulsionados por essas forças, os homens “brutos” mobilizam e aperfeiçoam os sentidos do corpo, que se constitui na fonte originária que desencadeou o processo dos princípios universais. Esses foram ganhando contornos definitivos tanto ao longo da história da humanidade, como na vida cotidiana concreta dos homens deste período. Com isso, pode-se dizer que o corpo desses homens pode ser comparado a um campo sensorial, do qual o homem se serve para se relacionar com a natureza e interpreta os sinais advindos do mundo externo; para imitar os sons, os barulhos; e para sentir, perceber se os seus atos não lhes trazem desarmonia com a natureza.

Ao tomarem a natureza como uma realidade superior à sua condição, os homens desse período, realizavam ações em função dos objetos próximos, presentes

no campo sensorial deles, e esses objetos produziam neles certo temor, medo, respeito. Nesse sentido, a natureza se tornou algo divino que precisava ser cultuada.

Já na idade dos heróis, os homens utilizam-se da imaginação para se relacionarem com a natureza. O pensamento mítico ainda emerge neste período. Ele constituiu-se uma das formas fundamentais dos homens atribuírem sentido à sua existência, e de dar significado ao mundo. Pois, quando os homens utilizam a sua mente para perceber as coisas, as imagens originadas desse processo são para eles tidas como verdadeiras. Por isso, a forma como esses homens se relacionaram com a natureza foi fortalecendo o discurso religioso, que se sedimentou no modo de ser e de fazer daquele período.

Além disso, alguns grupos de homens fixaram-se nas terras, outros viram a necessidade de criarem, famílias, tribos, aldeias e cidades. Para viverem bem criaram regras, normas para regularem as suas vidas a partir dos princípios que foram se estruturando no interior desses clãs, aldeias, tribos e das cidades. Nesse mesmo sentido, os rituais religiosos, de casamento e funerários passaram a ganhar sentidos e significados sociais e políticos. A linguagem já se encontra estruturada a partir de símbolos, ou seja, de elementos gráficos e linguísticos que não expressão somente o significado dos objetos que representam, mas também um sentido que está enraizado na existência, na vivência desses homens.

Por fim, a terceira idade, denominada como idade dos homens ou da razão. A utilização da linguagem ganha contornos mais definidos e singulares. Além da escrita, o número e a lógica passaram a interpretar, expressar e descrever os movimentos da natureza. Fazendo isso, surgiram as ciências, as leis, as constituições. Por isso, pode-se afirmar que o feito histórico, ao longo dos séculos e de seus estágios de desenvolvimento trouxe avanço para a história da humanidade e para a existência concreta dos homens.

A narrativa de Vico sobre os feitos humanos no percurso da história universal, ao mesmo tempo, apontou para elementos fundamentais: a criação, por parte dos homens de princípios que regulam a vida dos homens em sociedade – religião, matrimônio e sepultamento; a constituição de instituições e de regras, valores, normas e leis que norteiam o comportamento dos homens em sociedade; e o desenvolvimento da linguagem. É pela linguagem que os homens criaram vários símbolos, que podem significar várias implicações e conotações diferentes, de



acordo com cada civilização e o que determina o significado é o contexto histórico de cada povo que traz consigo além de suas características genéticas, pessoais, individuais, socioculturais traz também alguma coisa que sai da memória da coletividade, chega ao indivíduo através de formas próprias. Transcende a consciência, mas registra, influencia a identidade das idades da história. Vimos que todos os homens caminham para a religião, o matrimônio e a sepultura, quaisquer que sejam os povos, tempos ou lugares.

Neste sentido, pode-se afirmar que a primeira grande revolução dos feitos humanos foi o desenvolvimento da linguagem. O primeiro falar dos poetas teólogos, pela onomatopeia ou por meio da fantasia criadora que dá forma às ideias, denuncia o anseio de comunicação do homem com o mundo. Lá nos primórdios dos tempos balbuciando as primeiras onomatopeias e se relacionado com os deuses da mitologia, a habilidade humana para se adaptar às circunstâncias que lhe são impostas exige que o lado social da linguagem seja desenvolvido para que possa compartilhar informações vitais e prosperar a espécie. As primeiras linguagens em forma de símbolos, pinturas rupestres, desenhos e representando objetos da vida diária dos homens e sua religiosidade prova ser um passo humano na difusão do conhecimento e da informação. Forma fundamental de externalizar o pensamento, a fantasia e a imaginação.

O registro garantia uma perpetuação da cultura dos povos, de sua memória e seus feitos, bem como ajudava em questões administrativas, burocráticas e comerciais, tornando-se um instrumento de grande valor no dia a dia e ao longo dos tempos. As invenções dos registros são características importantes dos feitos do homem na história. Os hieróglifos como sinais da escrita de antigas civilizações, como os egípcios, antigos europeus e os americanos foram a evolução dos homens em comunicar-se com seus semelhantes e na luta pela sobrevivência. Os hieróglifos aparecem como os primeiros indícios de surgimento da escrita que temos. Aprender a escrever e interpretar os hieróglifos não era algo que todos sabiam; isso constituía apenas um saber para a elite egípcia da época, dentre sacerdotes, nobres e escribas, pois era uma escrita de cunho religioso. Sendo um monopólio da informação e poder.

A linguagem permitiu que a humanidade conseguisse transmitir o conhecimento adquirido, aperfeiçoando a forma de apreender o mundo com os

primeiros povos. Como o aprimoramento das coisas é próprio da natureza humana, a linguagem sofreu melhoramentos complexos na história no advindo da escrita. A invenção da escrita trouxe a capacidade de armazenar conhecimento e a possibilidade de transferi-lo a outros. Um método extraordinário de escrita altera o equilíbrio do poder dando as pessoas mais acesso à informação: o alfabeto. Alguns povos como os egípcios, os assírios e os babilônicos, tinham o seu próprio método de escrita, mas os povos menores do Oriente Médio, só passaram a escrever, quando o alfabeto grego foi utilizado. Assim, eles faziam algumas alterações no alfabeto, acrescentando algumas variações na forma gráfica das letras. A escrita permite a gravação consistente e clara das informações. Diferente dos hieróglifos dos egípcios o alfabeto era fácil de aprender e usar e cada letra representa um som. Ao invés de memorizar milhares de pictogramas, era só gravar algumas letras e juntá-las para formar palavras. A informação não fica mais nas mãos da classe dominante, o alfabeto se torna o poder disponível a todos. O uso do alfabeto foi evoluindo ao longo do tempo sendo utilizado para gravar momentos históricos.

Outro elemento foi o modo como Vico compreendeu e concebeu as ciências humanas. Embora este autor tenha feito um percurso dos sentidos à razão, para demonstrar como se deu o processo de formação da história universal, ao mesmo tempo, ele destacou que as fontes originárias das relações sociais não passam exclusivamente pela razão. Ela é apenas uma das faculdades constitutiva do ser humano que ele utiliza ou não para realizar determinadas atividades. Além do que, ela é um indicador do desenvolvimento humano.

Após a exposição sobre a importância da linguagem para o desenvolvimento do ser humano como ser social, no terceiro capítulo foi apresentado como Vico compreendeu a atividade humana e sua relação com a atividade divina. Para isso, esse autor, recorreu à noção de Providência Divina. Expressão que Vico utilizou para descrever como os homens foram construindo os princípios de civilidade. A providência divina age na vida dos homens e da história indicando sinais para onde os homens devem conduzir a sua vida. Como seres livres podem seguir os sinais, mas as consequências sempre aparecem de diversas formas.

No quarto e último capítulo encontram-se desenvolvidos os conceitos de barbárie e de civilização. Esses, segundo Vico, são constitutivos do desenvolvimento de cada idade e do processo histórico universal. Ao mesmo tempo,

em que os homens conseguem construir a sociedade eles também podem destruir. Pode-se, assim, afirmar que os homens são também inimigos da sociedade, caso queiram seguir somente os seus desejos, suas vontades, sua liberdade. Não saber decifrar os sinais da divina providência pode resultar na instauração da barbárie na família, na cidade, na sociedade, no país, no mundo.

Por fim, de acordo com a narrativa dos processos que constituem a história universal, os princípios que organizam a sociedade civil, e os conceitos de linguagem, de feito humano e de barbárie e civilização, é possível afirmar que a dissertação alcançou os objetivos a que se propôs realizar, a saber: apresentar a constituição dos princípios norteadores da sociedade civil, segundo o pensamento de Giambattista Vico. No entanto, cabe ressaltar que esta é uma leitura possível dessa temática. Isso significa que há outras formas de abordá-lo e que este resultado é fruto dessa perspectiva, dessa forma de análise.

## REFERÊNCIAS

BERLIM, Isaiah. *Vico e Herder*. trad. Juan Antonio Gili Sobrinho. Brasília: UnB, 1982.

BISBAL, Josep Martinez. *O timão: a transmigração marítima dos fâmulos rebeldes*. In: *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Org. Humberto Guido, José M. Sevilha e Sertório de A. e Selva Neto. Uberlândia, MG: EDUFU, 2012. 368p.

BOTTURI, Francisco. *A ética hermenêutica de Giambattista Vico*. In: *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Org. Humberto Guido, José M. Sevilha e Sertório de A. e Selva Neto. Uberlândia, MG: EDUFU, 2012. 368p.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. 3 edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

CASTAGNOLA, luigi. *Vico e sua “Ciência Nova”*. Curitiba: Revista Letras, 1968. Disponível: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/19808/13043>. Acesso em 05 de Junho de 2019.

CAVALCANTE, J. C.; GUIDO, H. A. Giambattista Vico: *Uma crítica ao modelo moderno de educação*. Disponível em: <[http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/218JoaoCavalcante\\_HumbertoGuido.pdf](http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/218JoaoCavalcante_HumbertoGuido.pdf)> Acesso em: 11/07/2019

COLLINGWOOD, Robin George. *A ideia de história*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Editora das Américas S.a. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros, 1961.

DAMIANI, Alberto Mario. *A noção de sociabilidade natural em Vico*: in *Metafísica do Gênero Humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. / Fabrizio

Lomonaco, Humberto Guido, Sertório de Amorim e Silva (organizadores) - Uberlândia: EDUFU, 2018. 307p.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo> Abril Cultural, 1999.

DOMINGUES, Ivan. *O grau zero do conhecimento – problema da fundamentação das ciências humanas*. São Paulo: Loyola, 1991.

FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames. Estratégias, poder – saber. Ditos e escritos* – vol IV. Rio de Janeiro: Forense, 2003. P. 203-222.

GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. São Paulo: UNESP, 1990. P. 9-90

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. *Providência Divina e Ação Humana, A Idéia de História na Scienza Nuova de Vico*: in História e Providência: Bossuet, Vico e Rousseau: textos e estudos / Edmilson Menezes (org.); tradução e comentários Edmilson Menezes, Humberto Aparecido de Oliveira Guido, Maria das Graças de Souza. Curso de Filosofia, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Ba: Editus, 2006.

\_\_\_\_\_. *Giambattista Vico: a filosofia e a educação da humanidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *A barbárie da reflexão e a decadência moral: crítica de Vico à cultura do Iluminismo*. In: *Philosophos, Revista de Filosofia*, Uberlândia, vol. 7, n. 2, 2002.

\_\_\_\_\_. *Direito Natural e Sabedoria Civil na Filosofia da História de G. Vico: A Crítica ao Formalismo da Filosofia Política do Século das Luzes*. 2007. 59 f. Pós-Doutorado - Curso de Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

HERÁCLITO. *Fragments*. In: *Os Pré-Socráticos*. Trad. José Cavalcante de Souza et al. São Paulo, Abril, 1985. (Coleção Os Pensadores)

LÖWITZ, Karl. *O Sentido da História*. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1991.

- MARTIRANO, Maurizio. *Vico e a construção do mundo humano. In: Debates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2012.
- MATTÉI, J. F. *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno* [1999]. Trad. br. Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2002, pp. 13-14.
- MELO, Tatiana Quirino Crisóstomo. *História e barbárie na Ciência Nova de Giambattista vico*. 2014. 7 f. Curso de História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.
- MUCHEMBLED, R. *História da violência: do fim da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- NUZZO, Enrico. *Os caracteres dos povos da nova ciência das nações de Vico: entre causalidade sacra, histórica e natural. In: Metafísica do Gênero Humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. / Fabrizio Lomonaco, Humberto Guido, Sertório de Amorim e Silva (organizadores) - Uberlândia: EDUFU, 2018. 307p.
- PECORARO, Rossano. *Filosofia da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009 (Coleção Passo-a-passo)
- SANTOS, Vanilda Honória dos. *A Filosofia Política na Ciência Nova de Vico*. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.
- SILVA NETO, Sertório de Amorim. *As Razões da Política: Humanitas e barbárie em Giambattista Vico*. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia. Universidade de São Paulo, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Entre acaso e destino. Vico e o conceito de Providência Divina*. 2018. 9 f. Artigo - Curso de Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

\_\_\_\_\_. *Vico e natureza poética primitiva*: in *Metafísica do Gênero Humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. / Fabrizio Lomonaco, Humberto Guido, Sertório de Amorim e Silva (organizadores) - Uberlândia: EDUFU, 2018. 307p.

SOUZA, Vilma de Katinszki Barreto. *A história e a filologia na Ciência Nova de Giambattista Vico*. In: *Revista Fragmentos*. N. 33, p. 293/307 Florianópolis/ jul.-dez./ 2007.

SPINOSA, Baruch. *Tratado da reforma da inteligência*. Trad. Lívio Teixeira. São Paulo: Martins fontes, 2004.

VALENTINI, Tommaso; VELARDI, Andrea. *Natura umana, persona, libertà Prospettive di antropologia filosofica ed orientamenti etico-politici*. 2015. 26 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2015.

VICO, Giambattista. *Ciência Nova*. Trad. Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

\_\_\_\_\_. *La Antiquissima Sabidria de los italianos (1710)*. Tradução de Francisco J. Navarro Gómez. Sevilla (Espanha). Cadernos sobre Vico, 1999-2000.

\_\_\_\_\_. *Del Método de estudios de nuestro tempo [Ratione - 1708]*. Tradução de Francisco J. Navarro Gómez. Sevilla (Espanha). Cadernos sobre Vico, 1998.